



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS

LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ALICE LINS APOLONIO DE SOUZA

DO ENREDAMENTO À TRANSFORMAÇÃO: CORPO NEGRO PERFORMANDO
(RE)NASCIMENTO E RESISTÊNCIA

João Pessoa

2020

MARIA ALICE LINS APOLONIO DE SOUZA

DO ENREDAMENTO À TRANSFORMAÇÃO: CORPO NEGRO PERFORMANDO
(RE)NASCIMENTO E RESISTÊNCIA EM “METAMORFOSE” DE CRISTIANE
SOBRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação dos Cursos de Graduação
Presenciais de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB –
Campus I) para obtenção do grau de
Licenciada em Letras com habilitação em
Língua Portuguesa sob a orientação da
Professora Dr^a Fabiana Carneiro da Silva.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729e Souza, Maria Alice Lins Apolonio de.
Do enredamento à transformação: corpo negro performando
(re)nascimento e resistência / Maria Alice Lins
Apolonio de Souza. - João Pessoa, 2020.
58 f.

Orientação: Fabiana Carneiro da Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura negra e performance. 2. Mediação de
leitura literária. 3. Subjetividade negra. I. Silva,
Fabiana Carneiro da. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 82.09

*Às minhas ancestrais,
saúdo e dedico!*

AGRADECIMENTOS

Por onde andei e de onde eu vim, carrego comigo muitas pessoas que contribuíram para que eu me tornasse quem sou e chegasse onde agora estou. Mesmo que os termos não consigam mensurar todo sentimento de gratidão, aqui, neste espaço, irei me dedicar a agradecer àqueles que foram essenciais durante todo esse processo de crescimento pessoal e acadêmico:

À professora Fabiana Carneiro da Silva por abrilhantar meus caminhos após sua chegada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mesmo em um ano atípico de atividades acadêmicas, pude me sentir acalentada com as palavras-abraço de Fabi, em quem me inspiro e tomo como uma excelente referência a ser seguida. Sua competência e sensibilidade são encantáveis! Agradeço pelo cuidado minucioso nos momentos de revisão deste trabalho, respeitando meus posicionamentos e agregando valores a eles. Agradeço também por ter me introduzido à vastidão do universo da literatura negro-brasileira.

Às professoras Sandra Haydée Petit e Franciane Conceição da Silva por aceitarem o convite para integrarem o corpo examinador deste trabalho. Muito me alegra ter vocês como examinadoras, pois são grandes potências pelas quais nutro bastante respeito.

À professora Cristiane Castro quem me acompanhou desde cedo e plantou a semente da revolução em mim. Ensinou-me o que era feminismo sem nem usar esse termo. Obrigada por ser referência!

Aos professores que compõem o corpo docente do curso de Letras-Português da Universidade da Paraíba por terem contribuído positivamente nesta caminhada.

Aos estudantes do estágio, que foram importantes para a minha formação humana e crítica. A presença de vocês foi fundamental para que eu me encontrasse ainda mais na docência.

À Caroline França por me receber em sua casa em João Pessoa, no primeiro ano do curso. Sua hospitalidade foi fundamental nesse momento! Obrigada por tudo e tanto!

À Suzyanne Maciel pela irmandade tecida, todos os dias, em nossa casinha no Castelo Branco e depois no nosso apê-quilombo. Obrigada pelos cuidados diários!

Aos amigos que ganhei na trajetória deste curso, em especial, Rebeca, Carlos, Fernanda e Sandro. Minha rotina não seria a mesma sem as nossas conversas diárias na Praça da Alegria. Agradeço por todo afeto construído e toda partilha e troca generosa de conhecimento. Todo meu amor para vocês!

Às minhas amigas de longas datas que se fazem constantes em minha vida e foram grandes motivadoras nesta trajetória: Rafa, Wanny, Laine, Mylena e Niedja. Obrigada por permanecerem e por construírem comigo essa colcha de retalho linda que é nossa amizade.

Ao meu irmão, Gilberto Junior, de quem tanto me orgulho e me inspiro. Quem, numa manhã do mês de Janeiro de 2015, anunciava: “você é mais uma aprovada na universidade pública e vai morar em João Pessoa!” E cá estou eu finalizando o curso muito agradecida por todo incentivo e estímulo nessa trajetória. Eu não seria a mesma se você não batesse o pé pedindo que nossos pais deixassem eu sair de casa. Amo-te!

À Mainha, Etienne Lins, pela fé constante na minha capacidade. Pelas ligações diárias que eram como combustíveis para me manter em paz. Por todo conselho, toda escuta atenta. Por cuidar de mim sempre, e, especialmente, enquanto eu me dedicava a este trabalho. Amo-te!

A Painho, Gilberto Souza, pelo amor incondicional. Mesmo sem poder frequentar a escola, foi o maior incentivador dos meus estudos. Eu jamais me tornaria quem sou sem você. Desejo te retribuir todo investimento dado a mim. Amo-te!

A todos que me abraçaram nesta linda João Pessoa, meu muito obrigada!

RESUMO

A posição hegemônica que o grupo branco adquiriu durante séculos de dominação engendrou as facetas da violência racial que atinge diariamente os corpos negros no Brasil. Diante disso, a literatura negro-brasileira tem sido um potente símbolo de resistência e combate a esta violência. A presente pesquisa é motivada pela urgência de se discutir as relações raciais e os enredamentos do racismo na construção da identidade e subjetividade negra. Dessa forma, definindo o âmbito literário como território de inscrição, primeiramente, construiremos uma autoetnografia buscando refletir acerca das vivências da autora desta pesquisa, enfatizando a conexão e interação existente entre esta e o seu campo de estudo. Em seguida, analisaremos o conto “Metamorfose” (2016), da escritora Cristiane Sobral, destacando a plasticidade presente em sua composição, na qual reverbera nuances de uma atuação performática das personagens. Refletiremos, ainda, acerca do processo de metamorfose vivenciado pela personagem protagonista e da construção de seu pertencimento racial. Como desdobramento desta análise interpretativa, apresentaremos uma proposta de mediação de leitura literária que parta das noções de ancestralidade e pertencimento e, ademais, considere o corpo como lugar de conhecimento e memória, sendo, por isso mesmo, um elemento relevante nos processos de ensino-aprendizagem. Para isso, utilizaremos como base os estudos de Borda (1979), Kilomba (2019), Cuti (2010), Culler (1999), Fanon (2008), Nogueira (2006), Bento (2002), Sousa (1983), Petit (2015).

Palavras-chave: literatura negra e performance, mediação de leitura literária, subjetividade negra.

RESUMEN

La posición hegemónica que el grupo blanco ha adquirido a lo largo de siglos de dominación engendra facetas de violencia racial que afectan diariamente a los cuerpos negros en Brasil. A la luz de esto, la literatura negra brasileña ha sido un poderoso símbolo de resistencia y combate a esa violencia. Esta investigación está motivada por la urgencia de discutir las relaciones raciales y las tramas del racismo en la construcción de la identidad y subjetividad negras. Así, definiendo el ámbito literario como un territorio de inscripción, en primer lugar, construiremos una autoetnografía buscando reflexionar sobre las direcciones de la autora de esta investigación, enfatizando la conexión e interacción entre éste y su campo de estudio. A continuación, analizaremos el cuento “Metamorfose” (2016) de la escritora Cristiane Sobral, destacando la plasticidad presente en su composición, en la que reverbera matices de una actuación de los personajes. También reflexionaremos sobre el proceso de metamorfosis vivido por el personaje protagonista y la construcción de su pertenencia racial. Fruto de este análisis interpretativo, presentaremos una propuesta de mediación de la lectura literaria que parte de las nociones de ascendencia y pertenencia y, además, considere al cuerpo como lugar de conocimiento y memoria, siendo, en sí mismo, un elemento relevante en los procesos de enseñanza-aprendizaje. Para ello, utilizaremos, como base, los estudios de Borda (1979), Kilomba (2019), Cuti (2010), Culler (1999), Fanon (2008), Nogueira (2006), Bento (2002), Sousa (1983), Petit (2015).

Palabras clave: literatura negra y performance, mediación de lectura literária, subjetividad negra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. RETRATOS DE UMA MULHER NEGRA EM DESCOBERTA.....	13
2. TORNAR-SE NEGRA: PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO EM “METAMORFOSE” DE CRISTIANE SOBRAL	23
2.1 Cristiane Sobral: nuances de sua trajetória intelectual e artística	23
2.2 Efeitos da imposição de uma estética branca na construção do sujeito negro	29
3. EMPRETECENDO O ENSINO: NUANCES DE UM TRABALHO DE INSPIRAÇÃO PRETAGÓGICA	42
3.1. Apresentação da proposta didática	44
3.2. Encontro I: Primeiros diálogos.....	45
3.2.1 Conteúdos abordados	45
3.2.2 Objetivos	45
3.2.3 Desenvolvimento (Tempo estimado: 2h30min.)	45
3.3. Encontro II: Corpo-texto: literatura em cena	47
3.3.1 Conteúdos abordados.....	47
3.3.2 Objetivos	47
3.3.3 Desenvolvimento (Tempo estimado 2h30min.)	47
3.4. Encontro III: Tecendo aprendizagens sobre si: pertencimento negro e resistência	49
3.4.1 Conteúdos abordados.....	50
3.4.2 Objetivos	50
3.4.3 Desenvolvimento (Tempo estimado 2h30)	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	56
De Cristiane Sobral:.....	56
Demais referências:.....	56

INTRODUÇÃO

A falácia da democracia racial também circunscreve o âmbito da literatura. Este discurso ideológico desconsidera qualquer afirmação de identidade e etnia que se contraponha ao construto de nacionalidade deste país, que se vê e se pretende branco. A igualdade e convivência harmônica entre raças pregada por este mecanismo ideológico contribuiu para a manutenção e disseminação do racismo no Brasil.

Ao fazer um breve panorama histórico da literatura negro-brasileira, Luiz Silva Cuti (2010), em *Literatura negro-brasileira*, retoma como se deu o início dos estudos, aqui no país, em relação aos africanos escravizados e sua descendência na literatura brasileira. Para ele, “no Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura.” (CUTI, 2010, p.15.)

Nesse contexto, portanto, os críticos literários estrangeiros e brancos, baseados na escrita e no padrão da metrópole, julgavam a validade ou invalidez das obras. No período da Independência, da Abolição e da República brasileira, a crítica literária se ocupou em investir nos textos literários a questão identitária nacional. No Romantismo esse caráter era constante. No Realismo, Naturalismo e Parnasianismo também há essa ênfase na nacionalidade. No Simbolismo, houve algumas rupturas nessa abordagem mas ainda assim foi um período em que a crítica reiterou leituras que valoravam as obras a partir da identificação delas com um certo projeto nacional. Para Cuti (2010):

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto humanidade. (CUTI, 2010, p. 16)

Além das personagens negras serem ofuscadas e tratadas como objetos, também o faziam com as/os escritoras/escritores negras/negros. Muitos deles, até hoje, para a crítica literária branca, são considerados irrelevantes, ou tem seus textos taxados de não-literários, como é o caso do escritor Domingos Caldas Barbosa ¹.

¹ Domingos Caldas Barbosa nasceu no Rio de Janeiro por volta do ano de 1734. Foi poeta árcade, criador de lundus e modinhas, fundador da Academia de Belas Artes em Portugal em 1790 e um grande divulgador da música brasileira. *Viola de Lereño* é sua obra principal, ela foi publicada em 1798 e é composta por poesias com característica de canção popular.

Após a Abolição, na segunda metade do século XIX, o debate das relações raciais começou a aparecer na produção artística/escrita. Nesse período, “a preocupação era conceber a nação por meio de uma fantasia de futuro. O que eles queriam para o Brasil? Um país de população totalmente branca.” (CUTI, 2010, p.17). Esse desejo, recorrente, de tornar os indivíduos brancos, legitimou a discriminação racial e dominação dos povos escravizados.

Na segunda metade do século XX, volta a dar ênfase para uma nacionalidade literária, porém, com muitos conflitos de identidade, porque na sociedade brasileira que se quer branca e é competitiva, a discriminação racial surge como arma de ataque contra negros na luta por dinheiro e prestígio.

Como o racismo e suas práticas estão presentes na cultura brasileira, a literatura negro-brasileira surge, como um lugar em que os descendentes de escravizados aquilombam-se. Os autores e autoras empregam na sua literatura o cotidiano vivenciado por eles, o racismo, o medo, a insegurança. Mas não só, também empregam o amor, a afetividade, o gozo. As personagens criadas por elas e eles começam a sair do lugar de subalternidade e da objetificação e começam a assumir o protagonismo de suas histórias, sem interlocutores brancos que legitimam os processos de escravização.

Nazareth Fonseca (2014), pesquisadora do arquivo da literatura afro-brasileira, contribui para essa proposição ao afirmar que: “A representação do negro como objeto agrega valores e visões forjados no âmbito da escravidão, interessados em afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintiva – propensos à submissão e/ou à violência.” (FONSECA, 2014, p.250). A tendência em transgredir com essas representações preconceituosas surge com a produção da literatura negra que, já no século XIX, visa à desconstrução desses padrões e a contestação da ideologia da democracia racial.

A literatura negro-brasileira manifesta-se de forma que pretende protagonizar a vida e a história da população negra. Os textos de autoras negras sugerem reflexões acerca da violência cotidiana sofrida por essa camada, das relações étnico-raciais e subverte as ideias de submissão e subalternidade que o preconceito racial engendrou na sociedade brasileira.

Pensando neste contexto acima mencionado, neste trabalho busco apresentar o poder que a literatura negra tem de acionar temáticas extremamente relevantes para o debate das relações raciais e de fazer emergir inquietações para pensarmos o cenário dolorido que a nossa população negra enfrenta desde os tempos de outrora. Além disso,

podemos perceber o quanto esse discurso artístico pode ecoar como um grito de resistência, que protesta todos os dias contra o racismo.

No primeiro capítulo, intitulado “Retratos de uma mulher negra em descoberta”, motivada pelo desejo de ecoar a voz e colocar o meu corpo negro em ação trazendo à tona todas as experiências que foram essenciais para “tornar-me negra” e tornar-me professora compromissada, utilizo o método da pesquisa autoetnográfica para relatar as proezas e percalços das passadas que trilhei antes e após esse reconhecimento racial.

No segundo capítulo, intitulado “Tornar-se negra: processo de ressignificação e construção de pertencimento” analiso o conto “Metamorfose” de Sobral (2016) que transfigura a experiência dos sujeitos negros nesta sociedade, mostrando como a discriminação racial afeta a construção das subjetividades e pertencimentos da negritude. Destaco como a autora, constrói, magistralmente, as personagens e o enredo: com um caráter performático e plástico visando a ridicularização das instâncias dominantes e a junção de várias manifestações artísticas, respectivamente.

No terceiro capítulo, intitulado “Empretecendo o ensino: nuances de um trabalho de inspiração pretagógica”, recupero os conteúdos que emergiram da interpretação do conto analisado no capítulo anterior e sinalizo uma proposta de mediação pedagógico-literária que visa contribuir para um ensino de literatura negra fundado metodologicamente na valorização da negritude e do corpo.

Nesse sentido, a estrutura desta pesquisa se fundamenta em um arcabouço teórico que atravessa vários tópicos, a saber: a valorização das experiências subjetivas no âmbito acadêmico, as nuances performáticas na construção das personagens, as cosmopercepções africanas, o ensino de literatura afroreferenciado que dialogue com o corpo e pertencimento negro.

1. RETRATOS DE UMA MULHER NEGRA EM DESCOBERTA

A América Latina, no final da Segunda Guerra Mundial, foi marcada por uma fase de crise na ciência em que se colocava em evidência a discussão acerca do compromisso dos sujeitos pesquisadores em relação às temáticas estudadas e questionava-se o positivismo e sua neutralidade nas pesquisas objetivas. O sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1979), em seus estudos voltados ao campo da pesquisa participante debruçou-se, durante a sua trajetória, em temas socialmente relevantes relacionados à marginalização e à violência no contexto regional e preocupou-se em inserir os sujeitos participantes da pesquisa em seus estudos.

Borda (1979) defendia a inserção de metodologias participativas e por isso foi um grande questionador dos cânones da ciência, que supervalorizam o distanciamento entre o pesquisador e seu campo de estudo. Não há como dissociar as vivências da vida pessoal da vida acadêmica, nesse sentido, a intenção do sociólogo era de proporcionar a valorização dos saberes populares aliando-os ao conhecimento científico. Segundo ele,

esta condición especial había sido oscurecida por los cánones positivistas sobre la “objetividad” y la “neutralidad” en la ciencia, con la consecuencia de que algunas técnicas de campo como la “observación participante” y la “observación por experimentación” (muy conocida entre antropólogos) tendían a conservar las diferencias entre el observador y lo observado. Además, tales técnicas “neutrales” dejaban a las comunidades estudiadas como víctimas de la explotación científica. (BORDA, 1979, p.261)

Conforme destaca o autor, o paradigma instituído como científico seria apenas aquele que se encaixava no modelo de pesquisa neutra e objetiva. Borda (1979), por sua vez, começou a pensar em um modelo diferente que englobasse uma ação participativa e uma mudança social nas pesquisas acadêmicas, visando a dialogicidade entre os sujeitos e a superação da hierarquia sujeito-objeto. Nesse caso, o investigador ou investigadora passa a se inserir no processo social, eles não apenas investigam como também são investigados. Além disso, o conhecimento popular articulado com o conhecimento científico se manifesta numa forma respeitosa de troca de saberes. Para Borda (1979) “Las masas, como sujetos activos, son entonces las que justifican la presencia del investigador y su contribución a las tareas concretas, así en la etapa activa como en la

reflexiva” (BORDA, 1979, p. 263). Portanto, as metodologias participativas contribuem para a interação dos sujeitos implicando na valorização, reflexão e autorreflexão das experiências vivenciadas.

Numa direção análoga, a escritora, artista e psicóloga Grada Kilomba (2019) na obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* evoca sua subjetividade através da escrita em primeira pessoa e com isso quebra os paradigmas que aprisionam e calam as vozes dos sujeitos negros no âmbito das produções científicas. De acordo com ela,

os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não a um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca (Collins, 2000; Nkweto Simmonds, 1997). A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos* que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos), e nesse sentido define não apenas o que o conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas? (KILOMBA, 2019, p. 54)

Produções acadêmicas que vão na contramão do sistema canônico da ciência são tidas como não científicas, pois não se enquadram nesse modelo eurocêntrico e branco. Com isso, entendemos a ciência como um lugar em que a validação do conhecimento está sendo controlada por um “academicismo” branco. A objetividade que tanto pregam como válidos nas pesquisas é uma estratégia colonizadora de censurar os trabalhos de intelectuais negras e negros que convocam suas realidades, opondo-se às metodologias dominantes.

Ancorada nas contribuições necessárias de Borda (1979) e Kilomba (2019), como forma de transgredir os modelos canônicos, neste capítulo, dedico-me à escrita cuja base é autoetnográfica e está centrada na interpretação e reflexão de minhas vivências estabelecendo diálogos em relação ao contexto social em que estou inserida. Célia Elisa Magalhães (2018) escurece a diferença entre a pesquisa baseada no positivismo e a pesquisa de cunho autoetnográfico. Segundo ela,

enquanto a pesquisa positivista busca a impessoalidade e a objetividade em relação ao fenômeno investigado, a pesquisa qualitativa autoetnográfica sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento nos estudos socioculturais. A autoetnografia permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas

experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa. Assim, a pesquisa autoetnográfica destaca a experiência pessoal no contexto das interações sociais e práticas culturais, buscando o engajamento reflexivo por parte do pesquisador e revelando o conhecimento de dentro do fenômeno pesquisado. Podemos concluir, então, que a autoetnografia promove a reflexividade no processo de pesquisa. (MAGALHÃES, 2018, p.18)

Conforme explica Magalhães (2018), o caráter reflexivo da autoetnografia permite a investigadora/investigador uma familiaridade e uma identificação com o assunto que investiga, pois parte da autorreflexão de sua realidade para transformar a sociedade. Neste trabalho, ao mesmo tempo em que me insiro no processo de investigação, busco questionar e criticar os problemas sociais encontrados no decorrer da minha trajetória como mulher, negra e professora. Nesse sentido, segundo Borda (1979),

Este esfuerzo de participación en el estudio puede denominarse empírico en el buen sentido, esto es, busca ajustar herramientas analíticas a las necesidades reales de las bases y no a las de los investigadores. Así, obviamente las técnicas desarrolladas por las ciencias sociales tradicionales no todas resultan de rechazar (como algunos pretendieron), sino que pueden utilizarse, perfeccionarse y convertirse en armas de politización y educación de las masas. (BORDA, 1979, p. 264)

A autoetnografia como um paradigma alternativo, é um instrumento de politização e de valorização de saberes populares que reivindica os nossos corpos para questionar o colonialismo intelectual e contribuir para a construção de um contexto social igualitário, emancipador e solidário. Dessa forma, a seguir procuro apresentar o tecido da caminhada vivida ao longo do meu percurso. Por esse caminho andei construindo pontes entre mim e o meu coletivo no intento de compreender e relacionar quem sou e/a quem eu investigo.

A saber, meu nome é Maria Alice Lins Apolonio de Souza, nasci em Recife, no dia 13 de maio de 1998. Sou de família pobre, cresci na periferia junto com meu irmão mais velho e meus pais. Minha mãe é autônoma e meu pai é balconista de padaria desde sua juventude. Ambos não conseguiram terminar o ensino fundamental II devido às dificuldades financeiras sofridas em tempos de mocidade. Mesmo sem ter frequentado o ambiente escolar, eles foram e são alicerces e grandes incentivadores do estudo para mim e para meu irmão que hoje é um grande psicólogo.

Minha mãe diz que eu aprendi a ler precocemente e era sempre empenhada nas atividades escolares. Escrever também era algo que eu fazia com frequência, ainda mais

quando era para falar de amor e afetividade. Minha mãe até hoje guarda muitas cartinhas escritas à mão e cheias de carinho. Eu gostava também de criar personagens e histórias. Quando eu escrevia textos com personagens aleatórios, estes eram majoritariamente brancos e de cabelos lisos, como os do meu pai, que eu sonhava em ter.

Nasci em uma família inter-racial, sou filha de mãe preta e pai branco. Eu e meu irmão, homem negro, crescemos imersos numa ideologia que se dá no mundo branco. Andar como negro, nem pensar! Tatuagem? É coisa de preto! Usar gírias é coisa de marginal e marginal é negro. Dessa forma, foi sendo introjetado em nossas subjetividades negras um desejo pelo “Ideal de Ego branco”, em que precisávamos viver aos moldes da branquitude. Neuza Santos Souza, em sua obra *Tornar-se Negro* (1983), contribui com a reflexão acerca de experiências como essa. Segundo ela,

(...) Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se. Na construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer “mancha negra”. (SOUZA, 1983, p. 34)

Meus costumes e hábitos foram sendo regulados a partir desse modelo que me foi colocado como bom, bonito e agradável. Dona de um cabelo cacheado volumoso, quando eu era mais nova vivia prendendo ou deixando sempre molhado para parecer liso como o do meu pai. Minha mãe nunca deixou que eu alisasse meus cabelos, embora ela usasse muitos produtos estéticos químicos para ficar livre do seu crespo. Talvez, para ela, o cacheado ainda é mais aproximado do liso, então ela preferia manter o meu daquela forma. Ou poderia ser considerado um ato de resistência ao alisamento que ela foi adquirindo ao longo dos anos.

Na escola, principalmente no ensino fundamental, minhas amigas e amigos negros também sofriam com a imposição da estética branca. As meninas sempre iam ao banheiro para molhar um pouco mais o cabelo ou já usavam alisados. Os meninos preferiam cortar o cabelo bem rente ao couro cabeludo para não deixar crescer e transparecer a negritude.

Na adolescência, eu era a menina negra que os meninos não tinham interesse, sempre invisibilizada no ambiente escolar. Em contrapartida, sempre via minhas amigas envolvidas com alguém e ficava ocupando a função de cupido ou a conselheira dos tais “relacionamentos”. Ser negra, num país racista, é tentar construir todos os dias

solitariamente uma autoestima que nos foi tirada. Eu me via ofuscada, parecia que não havia beleza em mim. Na escola, assuntos relacionados às relações étnico-raciais não eram mencionados e isso corroborava para a manutenção do racismo.

Entendo a escola como um ambiente formativo que está para além de transmissão de conteúdos, pensando nisso, esse ambiente interfere diretamente nas construções de identidades e no pertencimento negro. Nilma Lino Gomes (2003) no artigo “Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo” aponta questões sobre identidade negra e educação. Para essa autora,

a identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, p.171)

Tais reflexões, que pude acessar durante o desenvolvimento desta pesquisa, impulsionaram-me a rememorar a minha trajetória, minhas experiências como estudante do Ensino Básico até o Ensino Superior. Em 2003, justo no ano que ingressei no 1º ano do ensino fundamental I, a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) foi criada para que se tornasse obrigatório o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana nas escolas. Porém, rememorando a infância, lembro-me de apenas um livro que li com o qual, inocentemente, identifiquei-me: *Menina bonita do laço de fita*², de Ana Maria Machado.

² A recepção desse livro, na época, foi muito boa, talvez eu tenha me identificado com a menina negra sem nome que vivia com um laço de fita amarrado na cabeça, já que eu não conhecia nenhuma personagem negra em outros livros. Atualmente, relendo a obra e buscando informações dela, vi que não foi feita pensando na comunidade negra, visto que a autora se inspirou em sua filha, menina branca de linhagem italiana. Além disso, o culto a miscigenação e a ideia de pluralidade étnica é o que está em evidência na obra através do Coelho, o personagem que é agradável e cortês, ama o negro e quer tornar-se negro. Esse personagem busca de todas as formas parecer-se com a menina negra do laço de fita, porém não consegue e então procura uma coelha negra para ter filhotes mestiços. Esse texto, hoje, me faz inferir que a temática que a autora nos apresenta sobre a pluralidade racial e a união das raças é uma maneira de

Em 2008, a lei 11.645/08 (BRASIL, 2008) amplia a lei anterior, agregando a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígena. No Ensino Fundamental II, eu não me recordo de aulas ou de metodologias que englobassem essas pautas com seriedade.

No ensino médio, o mesmo cenário: as relações étnico-raciais eram pouco discutidas e quase completamente ausentes das aulas. O universo da negritude se fazia conteúdo de ensino, geralmente, em dias que consideravam “comemorativos”, como o 13 de maio e o 20 de novembro, mas não era algo que estimulasse uma crítica ou uma interação entre os estudantes e suas vivências.

Aos 18 anos, consegui a tão sonhada aprovação na Universidade Federal da Paraíba. Migrei, menina, para João Pessoa, repleta de sonhos e entusiasmo. Ainda não tinha noção de pertencimento negro, era algo que estava em mim, mas que eu não compreendia. Na minha certidão de nascimento constava que eu era parda, mas eu não me posicionava sobre.

A existência de uma passabilidade branca me fez acreditar que eu não poderia me considerar negra, mas também não me considerava branca. Ficava nesse entre-lugar. Esses pensamentos dialogam com os estudos de Kabenguele Munanga, que no seu livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (2015) explora a pluralidade racial que se deu na formação da sociedade brasileira, bem como os desafios enfrentados pelos negros e mestiços. Conforme o autor,

ao se situar na zona intermediária entre os mais claros, ou seja, os brancos, e os mais escuros, ou seja os pretos, eles poderiam, dependendo do contexto, ter algum privilégio sobre os mais escuros. Temos aqui um exemplo nítido do colorismo, que não existiria sem a mestiçagem e funcionaria como uma ideologia atuando entre as próprias vítimas do racismo na sociedade brasileira. (MUNANGA, 2015, p.130)

Ouvir relatos racistas, como “sua mãe não cuida de você não? Olha teu cabelo como está!” vivenciados pela minha mãe, fez-me acreditar que eu não deveria me afirmar como negra porque não sofria esse tipo de violência. Compreendia minhas “vantagens” de negra de pele clara e não me posicionava como negra, porém, fazer com que o negro de pele clara não se sinta pertencente a tal etnia é uma das estratégias do racismo à brasileira.

defender e compactuar com a falácia da democracia racial e com a violência colonial do embranquecimento.

Lia Vainer Shucman no seu livro *Famílias interraciais: tensões entre cor e amor* afirma que “o discurso produzido estrategicamente como resposta à ideologia do embranquecimento e da mestiçagem no interior das organizações negras é o que faz com que haja uma interdição da classificação racial” (SHUCMAN, 2018, p. 79-80). Por ter sido reconhecida parda pelos meus familiares e não sofrer discriminação racial direta eu não me reconhecia como negra, estava, portanto, imersa nessa ideologia do branqueamento, a qual desmembro nos próximos capítulos.

A universidade foi o local onde eu me permiti aprender mais sobre minha ancestralidade e meu pertencimento. De início, foi um caminho um pouco solitário, devido às poucas referências negras naquele local que era majoritariamente ocupado por brancos que referenciam brancos.

No terceiro período do meu curso de Letras, especialmente quando cursei a componente curricular Literatura Infanto-Juvenil, a professora Rinah Souto provocou a minha turma com vários livros para crianças com temáticas que geravam bastante discussão. Dentre eles, me identifiquei com *Princesa Violeta* (2008), de Veralindá Menezes, *O mundo no Black Power de Tayó* (2013) de Kiusam de Oliveira, e *Ifá, o advinho* (2002), de Reginaldo Prandi, livros que trazem o protagonismo, a ancestralidade, a cultura e a religiosidade negra como pautas centrais.

Comecei a ler estas obras apenas pensando em como mediar esses textos em sala de aula, mas a identificação com a temática foi tão intensa que as palavras dos textos literários ecoaram no meu corpo em forma de questionamentos sobre mim: Quem sou eu? De onde venho? Quem são meus antepassados? A partir desse momento comecei a querer buscar mais conhecimento acerca do meu lugar racial e o pouco que fui buscando conhecer foi necessário para que eu mirasse para mim para me reconhecer negra. Fui construindo e descobrindo uma nova imagem de mim, a foto da minha carteira de identidade já não servia mais, estava nascendo uma nova mulher. Uma mulher negra. Esse processo de descoberta interferiu bastante na minha prática como professora estagiária.

Estagiei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Milton Campos, no bairro do Geisel, com as turmas do 6º ano B do Ensino Fundamental e do 1º ano A do Ensino Médio e, a partir de observações feitas por mim nas aulas, verifiquei que havia pouca leitura literária. Na intenção de estimular os estudantes a lerem, eu busquei fazer intervenções didáticas que aproximassem os discentes do texto literário fazendo possíveis relações com suas vivências.

O momento de observações foi muito importante para que eu construísse um trabalho com que a turma se envolvesse. Durante as idas e vindas à sala de aula, eu via que tinha uma estudante sempre quieta e que me olhava de um jeito afetuoso, como se tivesse se identificado comigo. Ela era uma menina negra de 13 anos que tinha um lindo cabelo crespo. Eu sempre pensava em elogiá-la, mas nunca o fazia, apenas retribuía os sorrisos afetuosos.

Passadas algumas semanas, ela apareceu com o cabelo alisado. Quando eu a vi, ela ficou meio apreensiva e fui conversar com ela. Perguntei se ela estava se sentindo bem com o cabelo novo e ela prontamente respondeu: “Não, tia, mas minha avó quis assim, apesar de que ninguém entende os gostos dela, me pediu para eu alisar o cabelo e quando eu cheguei assim ela disse que não gostou. Mas pelo menos meus amigos da escola me acharam mais bonita e arrumada.”.

Com esse relato, pude compreender os desafios e os embates que a garota convivia diariamente com sua família e no ambiente escolar. O cabelo da menina continuava desagradável para a sua avó e, na escola, eles a tinham como desarrumada e para seus amigos estar arrumada era estar aproximada do padrão de beleza branco.

Todas essas questões estavam introjetadas no corpo dela de forma visível para mim. Seu olhar retraído e sorriso envergonhado me afetaram. Porém, segundo Gomes (2003), “nem sempre os professores e as professoras percebem que, por detrás da timidez e da recusa de participação de trabalhos em grupos, encontra-se um complexo de inferioridade construído, também, na relação do negro com a sua estética durante a sua trajetória social e escolar.” (GOMES, 2003, p. 176). Nesse sentido, apresentar a questão racial à comunidade escolar é de fundamental importância para o processo de conscientização, de construção de identidade e de combate a preconceitos. A sala de aula é um ambiente que deve ir além de conteúdos, testes e provas; ela é composta por indivíduos que interagem entre si a todo instante, compartilhando ideias, valores e crenças.

Dessa forma, durante o meu estágio eu construí uma oficina de leitura com os poemas “Negritude”, de Geni Guimarães, e “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo. Além desses poemas, inseri, na oficina, um estudo da música “Bença”, do rapper Djonga para fazer possíveis relações com os poemas. Quando eu desenvolvi essa oficina, meu repertório de leituras afroreferenciadas ainda era pequeno, porém corajosamente segui em frente. O objetivo era estimular a leitura da poesia, sobretudo a negro-brasileira escrita e vivenciada por negros e negras e também provocar reflexão

acerca das temáticas abordadas estimulando um momento de reconhecimento de si mesmo. Era um momento de crescimento tanto meu quanto dos estudantes.

Apesar de ter sido orientada por professoras durante o planejamento dessa oficina, eu não me sentia preparada para realizá-la. O que me mobilizou a dar continuidade com essa proposta foi a questão de como ensinar algo que não me foi ensinado, até então, durante a licenciatura. Embora a inserção das temáticas sobre a cultura e história negro-brasileiras e indígenas, na escola, seja algo obrigatório, no ensino superior não temos um currículo que centralize essas questões étnico-raciais. Os poucos componentes curriculares que são direcionados à questão racial são oferecidos de forma optativa no curso de Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba, o que pode comprometer a formação efetiva dos graduandos quanto a esse tema caso não tenham interesse em se matricular nesses componentes.

Ainda em seu artigo “Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo” Gomes (2003) aborda brevemente uma questão crucial que nos faz refletir sobre a licenciatura e as demandas que são direcionadas para o docente. Para ela,

um dos primeiros caminhos a serem trilhados nessa direção poderá ser o da inserção, nos cursos de formação de professores e nos processos de formação em serviço, de disciplinas, debates e discussões que privilegiem a relação entre cultura e educação, numa perspectiva antropológica. A perspectiva antropológica nos ajuda a compreender que a cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. De acordo com Denys Cuche (1999), ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, e às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. (GOMES, 2003, p. 169)

Pensando nisso, primeiramente, faz-se necessário reorganizar os currículos dos cursos superiores para que os futuros professores se sintam seguros e preparados referencialmente para construir pontes entre os conteúdos e as vivências dos discentes. Talvez tenha sido esse o problema da formação de meus professores em minha experiência no ensino básico. Ou seria falta de interesse também? Devido a isso, solitariamente, percorri por caminhos do autodidatismo para inserir relações entre cultura e educação no meu estágio e para pensar na minha noção de pertencimento negro.

Por motivos de força maior, infelizmente a oficina que planejei não foi aplicada, mas foi um grande passo que tomei para incentivar o letramento racial na escola de

outras formas, pelo diálogo, pela visão e principalmente pela escuta atenta e sensível de relatos de violência frente aos corpos negros.

A partir do momento em que eu tomei consciência de toda essa questão que me envolve, adquiri o compromisso de lutar por essa consciência e de fazer reverberar sentimento de pertença naqueles que me atravessam e tiveram suas “identidades” tolhidas pelo racismo. Lembro-me de que, quando eu pensava em um trabalho de conclusão final de curso eu dizia aos meus colegas de graduação que não queria escrever só mais um texto feito, mas, sim, queria escrever algo que servisse para a coletividade negra. A autoetnografia, a que aqui me dedico, possibilita-me apresentar a minha aproximação com todo contexto social em que busco analisar e intervir aqui neste trabalho. De acordo com o pensamento de Borda (1979),

En la investigación activa se trabaja para armar ideológica e intelectualmente a las clases explotadas de la sociedad, para que asuman conscientemente su papel como actores de la historia. Éste es el destino final del conocimiento, el que valida la praxis y cumple el compromiso revolucionario. (BORDA, 1979, p. 283)

A pesquisa participante tem um caráter subversivo, visto que, questiona o modelo de investigação, firmada no eurocentrismo, presentes nas produções acadêmicas. A inserção dos sujeitos que investigam e dos sujeitos investigados promove rupturas de ideologias cristalizadas e viabiliza a valorização e consideração do coletivo e suas subjetividades e experiências.

Trazer um breve retrato de minha história foi um excelente trabalho memorialístico, certamente não tive como relatar todas as vivências que me atravessaram nessa trajetória, porém as que aqui materializei foram momentos que constituíram o que me tornei e venho me tornando continuamente. Pensando nessa minha trajetória de performance de resistências, cada atividade a que me dedico a fazer, nesta pesquisa, está totalmente interligada.

No próximo capítulo, detenho-me a analisar um conto que muito se aproxima de minha realidade. E no capítulo 3, trago uma proposta pedagógica de mediação literária que reivindica o meu corpo para apresentar uma performance de um trecho do conto analisado, o qual, metaforicamente, dá sentido ao meu “tornar-se negra”. Essa proposta surge como uma responsabilidade desafiadora de estimular o (auto)conhecimento e o respeito acerca das relações étnico-raciais e ensino de literatura.

2. TORNAR-SE NEGRA: PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO EM “METAMORFOSE” DE CRISTIANE SOBRAL

2.1 Cristiane Sobral: nuances de sua trajetória intelectual e artística

Cristiane Sobral Correa Jesus, mulher negra, mãe, arte educadora, escritora e atriz é bacharel em Interpretação Teatral, Licenciada em Artes Cênicas e Mestre em Artes pela Universidade de Brasília. Nasceu em 1974 no Rio de Janeiro e atualmente vive em Brasília. Em seus trabalhos, o seu interesse se pauta em temas sociais, sobretudo no que diz respeito aos temas que envolvem a negritude.

Sua relação com teatro e com a literatura é muito intensa e íntima. Essas expressões artísticas sempre tiveram presentes em sua vida, “Cristiane vem ao mundo com um lápis na mão” (SOBRAL, 2013) afirma ela em uma entrevista para o Programa Iluminuras no Youtube ³em que conta como se deu a sua trajetória e inserção nas artes.

A formação de Sobral foi construída em ambientes em que a/o negra/o e sua cultura não tinham visibilidade. Com isso, nasce o desejo urgente de se afirmar como artista negra e de questionar, através de sua arte, o porquê desses espaços negarem a presença e a permanência da população negra. Em sua dissertação de mestrado, Cristiane Sobral sinaliza:

no percurso no ensino superior, pude refletir e constituir meu lugar de fala como pesquisadora no campo das artes cênicas diante de um ponto de vista como mulher, negra, brasileira, artista, professora e escritora. Nas peças interpretadas no espaço acadêmico, muitas vezes não pude interpretar os papéis que desejava. Descobri aos poucos que algumas personagens não foram escritas para mulheres como eu. Como primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela

³ Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao Programa Iluminuras. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QGgFLcVnc3E>> Acesso em 11 set. 2020

UnB, em 1998, enfrentei muitas questões referentes à invisibilidade negra na academia. (SOBRAL, 2016, p.90)

Diante desse contexto, Sobral busca, em suas manifestações artísticas, protagonizar negras e negras e suas experiências, sem dar destaque a estereótipos que constroem uma imagem subalterna desses sujeitos. Os estereótipos em seus escritos ganham a função de ironizar, ridicularizar e protestar contra eles mesmos.

No artigo “Literatura Negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”, Conceição Evaristo (2010) elucida a importância da escritura com a presença das vozes dos descendentes de africanos no Brasil. A literatura negra alinhava as vivências da população negra, sua relação com a Mãe África e busca revelar e afirmar a etnicidade.

O corpo negro vai ser alforriado pela palavra poética que procura imprimir e dar outras re-lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou às iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo. A palavra literária como rubrica-enfeite surge como assunção do corpo negro. E como quelóides – simbolizadores tribais ainda presentes em alguns rostos africanos ou como linhas riscadas nos ombros de muitos afro-brasileiros – indicadores de feitura nos Orixás – o texto negro atualiza signos-lembranças que inscrevem o corpo negro em uma cultura específica. (EVARISTO, 2010, p. 136)

Dessa forma, Cristiane Sobral, com sua liberdade em seus escritos e em suas performances teatrais, busca dar vida aos corpos negros, compreendendo suas subjetividades, seus lamentos, seus desejos, suas vivências, seus amores. É uma mulher negra falando de negritude, sobretudo da negritude feminina. Em uma sociedade em que as mulheres negras apresentam-se na ‘base da pirâmide’ elas são invisibilizadas em qualquer espaço e, sendo escritoras, são questionadas a respeito de seus processos de criação e da relevância de suas escrituras. A artista transgride esse sistema, resistindo a entraves engendrados pelo racismo.

O ato de escrever, sendo negra, é um processo que requer ousadia e força, porque um dos efeitos do seu texto é descosturar o tecido racista em que foi costurado por anos. Para Cuti (2010), o escritor paga caro quando prefere afirmar-se negro, pois ao “furar o bloqueio” do padrão branco e eurocêntrico ele irá “[...] pagar o preço pela ousadia de propor a mudança de hábitos de escrita cristalizados e pagar o preço pelo conteúdo não desejado pelas instâncias de poder estabelecidas na área.” (CUTI, 2010, p.51) Isto porque, historicamente, foi bastante ameaçador ter o branco como receptor e crítico dos textos de autoria negra.

A literatura negro-brasileira vem sendo produzida e está em circulação há muito tempo, porém, com o surgimento do Movimento Negro Unificado contra a

Discriminação Racial (MNCDR) em São Paulo, no ano de 1978, hoje conhecido como Movimento Negro Unificado (MNU), e com o emergir de possíveis leitores e leitoras negros e negras, os escritores e as escritoras foram impulsionados a reverberar suas vozes em um espaço específico para suas publicações. Esse espaço foi criado a partir do lançamento da série *Cadernos Negros*, organizada pelo Quilombhoje⁴. Essa série, que já conta com mais de 40 volumes, vêm proporcionando mais visibilidade a escritores negros e às escritoras negras através de seus contos e poesias.

No ano 2000, Cristiane Sobral inaugurou as suas publicações na série *Cadernos Negros*. Após 10 anos, ela lançou seu primeiro livro individual, *Não vou mais lavar os pratos*, que reúne poesias como um grito de revolução de mulheres negras insubmissas. Em 2011, a autora publicou o livro de contos *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da percepção* e, ainda neste ano, publicou o *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, uma antologia poética. Em 2016, ela retomou a prosa com a obra *O tapete voador*, obra sobre a qual nos debruçaremos nessa pesquisa, e, em 2017, publicou *Terra negra*, livro de poesias. Em 2018 publicou *Teatros negros – estéticas na cena teatral brasileira*, obra que foi resultado da sua dissertação. Ainda neste ano, junto com sua filha, publicou o livro infantil *Tainá – guardiã das flores*. E também publicou *Uma boneca no lixo* uma obra que consta o texto do espetáculo homônimo. E em 2019, a autora publicou *Dona dos ventos*, uma antologia poética.

No teatro, a artista sentindo a ausência do negro na dramaturgia, criou o grupo “*A Cia Cabeça feita*”, com a finalidade de reforçar a inserção de corpos negros no universo teatral. Além dessa inserção dos corpos, ela pretendia também incorporar a estética negra no cenário, nas cenas e na plateia, visando à coletividade que define e caracteriza a negritude. Quanto ao propósito do grupo, Sobral afirma, em sua dissertação de mestrado que “o grupo insiste na pesquisa e na ousadia do resgate e da produção de uma dramaturgia em que a personagem negra desloque-se da posição de objeto (normalmente propagada em nosso meio) para a posição de sujeito.” (2016, p. 92).

Em suas obras, a escritora alinhava a literatura e o teatro de forma potente, cujos textos possuem uma carga dramática típica de sua experiência com encenação teatral.

⁴ Coletivo cultural e editora, sem fins lucrativos, responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*.

Em 2006, em uma entrevista para o Portal Literafro⁵, a artista sublinha como ela concilia as duas linguagens:

acredito que estas duas vozes contracenam perfeitamente e aparecem na comunicação com o público, elemento indispensável para a existência do teatro e sua interação com o leitor. Os dois pontos de comunicação são complementares, hoje não concebo mais o meu trabalho de atriz sem o exercício da escrita. Diria que a escrita traz em si uma concepção mais reflexiva, enquanto a atuação, no momento em que se dá, é prática pura. Mas também entendo que para o exercício destas funções preciso utilizar o “Se eu fosse” para conceber as minhas histórias. (SOBRAL, 2006, s/p)

A escritora, com a fusão dessas manifestações artísticas, ainda vincula seu trabalho ao ato político. Escrever e performar constituem um ato político, conforme ela assinala em uma entrevista à revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*: “[...] um manifesto de sobrevivência e resistência do povo negro. Seria uma estética do discurso. Além do panfleto, essa(s) linguagem(ns) tem um compromisso com o leitor, com os afetos, deseja afetar e ser afetada, é humanista por excelência.” (SOBRAL, 2017, p. 256)

A obra *O tapete voador* é uma antologia de 19 contos em que a escritora busca trazer personagens negras e negros como agentes das ações. Sobral pontua que “[...] as personagens não representam, elas são. Há uma consciência política, ideológica e estética e uma referência às tradições, à ancestralidade, à contemporaneidade e um protagonismo negro na contação de histórias na prosa e na poesia.” (SOBRAL, 2017, p. 255). Assim, a literatura de Sobral é um potente instrumento que dá visibilidade aos corpos negros e a sua cultura.

A tese *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*, de Mirian Cristina dos Santos é um trabalho sobre a escrita prosaica de mulheres que são engajadas na luta antirracista e utilizam a literatura como símbolo de resistência e de transformação. Esse trabalho é pertinente para compreendermos o projeto artístico-literário de Sobral (2016), que é uma dessas mulheres estudadas por Santos (2018). Segundo ela, a escritora “traz para literatura caminhos para modificar a sociedade” (SANTOS, 2018, p.145). Portanto, a sua arte é um instrumento para combater, criticar e questionar o que está em sua volta.

O universo ficcional criado por Sobral (2016) em *O tapete voador* transfigura a vivência do negro na sociedade brasileira. A forma de criação dos enredos é sensorial,

⁵ Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao Portal Literafro. 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral>> Acesso em 11 set. 2020.

imprime no leitor uma sensação de passear em várias narrativas diferentes sentindo cada envolvimento das personagens, a saber, seus sentimentos, seus desejos, suas dores, suas alegrias. Ademais, conforme pontua Santos, essa escrita “abarca também um combate ao pensamento racista através da presença de corpos negros em diferentes espaços, seja nas universidades, nas grandes corporações, ou nas músicas que resgatam identidades negras.” (SANTOS, 2018, p.119). Nessa direção, a fim de compreendemos o contexto em que se insere o conto que será analisado neste trabalho, a saber, “Metamorfose”, convém indicar brevemente algumas temáticas recorrentes que atravessam essa obra.

Nos contos “O tapete voador” e “Elevador a serviço”, a autora nos apresenta protagonistas que transgridem a ideia de que o sujeito negro é socialmente inferior. Bárbara e Malena são mulheres negras e fortes exemplos de transgressão. A primeira surpreende as estatísticas e é grande destaque na empresa que trabalha. A segunda é cantora e moradora de um prédio luxuoso em que os moradores são majoritariamente brancos. Esses dois contos mostram ainda como o racismo é um exercício de opressão que não apenas interdita a ascensão do sujeito negro, mas também violenta aqueles que conseguem furar a lógica de subalternização. As personagens, por não ocuparem lugares marginalizados, como predeterminou o grupo branco hegemônico, são vítimas de racismo em seu cotidiano. Bárbara é atacada pelo seu chefe que não aceita profissionais negros que expressem a sua negritude e Malena é atacada pela vizinha, que associa a mulher negra ao trabalho doméstica. Porém as duas não se intimidam e rebatem o preconceito como ato de resistência.

Ainda sobre o tópico resistência, em “Nkala: um relato de bravura”, a autora, apresenta uma espécie de conto de fadas negro que tem como protagonista Nkala, uma princesa de uma aldeia africana que adorava dançar e, através da dança, resistia bravamente às duras chicotadas dos europeus que invadiram o Reino do Congo. A autora ressignifica os contos de fadas, haja vista os autores desses contos de fadas ocidentais priorizem personagens com fenótipos brancos e europeus. Vale lembrar que suas experiências como atriz é de grande valia na construção dessas personagens no campo teatral e literário. Em sua dissertação de mestrado, Sobral (2016), questiona a inexistência de referências negras nos contos de fadas já que os que sempre estiveram em circulação “pertencem a outro contexto, distante do brasileiro.” (SOBRAL, 2016, p.18) e não representam uma realidade nacional.

A autora, através dos contos “Bife com batata frita” e “O galo preto”, denuncia a desigualdade social. A personagem Ióli está presente nas duas narrativas. Na primeira,

ela é uma criança suburbana que vive em situação de vulnerabilidade. A falta de alimentação de boa qualidade, a morte de sua mãe e a ausência de seu pai são três agravantes que trazem sofrimento para ela. Na segunda narrativa, Ióli e sua família também sofrem com escassez de alimento. A fome de Ióli pode ser entendida por duas categorias, a física levando em consideração a falta de alimentação; e a simbólica, significando uma carência afetiva causada pelas ausências materna e paterna. Podemos perceber a potência que os textos de Sobral, como forma de protesto, empreendem em questionar e escancarar a situação que se encontra o grupo negro. Além desse marcante sofrimento, a escrita da autora nos leva a ter empatia com as personagens. Conseguimos perceber na mãe de Ióli, Etelvina, que com toda dificuldade, não negou afeto, cuidou das filhas e da sobrinha para que o sofrimento fosse abrandado. Pudemos perceber nela as características de uma mãe cuidadosa, empática e amorosa.

É também importante dar destaque à aparição da afetividade entre as personagens em outras narrativas. No conto “Memórias” o protagonista, entusiasmado com seu filho recém-nascido, faz uma recordação dos seus tempos de infância e de seu sentimento de amor para com o seu pai. No conto “Renascença” a personagem Teresa se apaixona por Jorge em um terreiro de Umbanda onde selou sua união amorosa e seu vínculo com a religião de matriz africana. A afetividade encontrada entre as personagens reverbera nos estudos de Santos (2018) que ressalta que “corpos negros políticos são representados a partir de uma resistência celebrada em um grande encontro de corpos ressignificados, a partir da autoaceitação, autocuidado, aprendizagem e ancestralidade.” (SANTOS, 2018, p.150).

A violência da estética eurocêntrica, que reflete nos corpos negros, também é uma das pautas que aparecem em *O tapete Voador*. Nos contos “Pixaim”, “Espelhos negros” e “Metamorfose”, podemos perceber como os personagens reagem à imposição de uma estética padrão. Em “Pixaim”, a mãe e a filha protagonizam uma narrativa em que a rejeição do cabelo crespo por parte da mãe é notória e para que a filha fosse aceita socialmente, ela acreditava que se enquadrar em um modelo único era a saída.

Sobral (2016) destaca no texto literário, as formas de resistência da personagem-narradora, que, inconformada com as torturas ao seu “pixaim”, tenta se libertar, como percebido em: “chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços.” (SOBRAL, 2016, p.39)

A intelectual Franciane Conceição da Silva em sua tese de doutorado ao analisar esse conto afirma que “a violência de alisar os cabelos crespos, num gesto de tentar se

incluir ao padrão de beleza eurocêntrico, é uma prática recorrente entre a população negra, principalmente, mulheres negras.” (2018, p.109) Alisar os cabelos era doloroso para a personagem-narradora, que tinha os seus cabelos como símbolo de identidade e resistência.

Em “Espelhos negros”, a escritora carioca retoma a temática da violência do padrão estético branco sobre os corpos negros. A personagem Moisés e os indivíduos da sociedade em que ele está inserido vivem em conflito com a sua imagem e foi necessário o uso de espelhos ser proibido para ele renascer e enxergar sua beleza com outros olhos. Podemos perceber uma correspondência dessa narrativa com o conto “Metamorfose”, no qual a narradora apresenta a personagem e protagonista Socorro como uma mulher caricaturizada que vivia aos moldes da padronização branca a fim de ter maior aceitação na sociedade. Os textos mobilizam as questões da autonegação e do conflito de imagem causados pela opressão dos brancos em relação à população negra, essa violência engendrou a dificuldade de construir um sentimento de pertencimento.

Pode-se entrever assim, que Sobral, na obra *O tapete voador*, constrói diversas narrativas que estabelecem correspondências entre si e falam de uma experiência social compartilhada de violência, subalternização e reação a tudo isso, reforçando o combate urgente do racismo. A obra não se esgota nesses temas aqui mencionados, ela abarca ainda o tema do “mito negro”, da mestiçagem, do colorismo e da solidão da mulher negra. Vale salientar que a forma que a autora utiliza para apresentar esses temas também é de grande relevância, a linguagem de seus escritos é fluida e as estratégias linguísticas que ela utiliza também ampliam os sentidos das narrativas. No próximo tópico, faremos uma análise aprofundada do conto “Metamorfose” que terá como grande questão a branquitude e os efeitos das suas imposições estéticas nos sujeitos negros.

2.2 Efeitos da imposição de uma estética branca na construção do sujeito negro

O conto “Metamorfose” da escritora Sobral (2016) inicia-se com a voz da narradora que apresenta Socorro, a personagem principal do enredo, e as suas características físicas e subjetivas. Ela é uma mulher negra de pele clara que “[...] aceitou de bom grado ser morena ou parda.” (SOBRAL, 2016, p.89). A protagonista era religiosa e acreditava que Deus poderia lhe conceder a “dádiva” de casar-se com um homem branco. Suas madeixas eram crespas e lidas socialmente como “Bombril”. O

termo empregado faz referência à esponja de aço que é vendida pela empresa que tem o mesmo nome e é associado, pela concepção racista, ao cabelo crespo.

Ao cabelo e ao corpo do negro direcionam-se ataques racistas que estão sendo atualizados frequentemente. Neste ano (2020), por exemplo, a empresa Bombril, foi envolvida em outra polêmica por ter relançado uma esponja denominada “Krespinha⁶”, novamente fazendo alusão ao cabelo crespo, reforçando a discriminação racial.

Em uma entrevista⁷ feita por Ana Moreira (2017) e disponibilizada na plataforma do Youtube, Sobral (2017) afirmou que o Brasil é o segundo país do mundo que mais consome produtos de beleza, perdendo apenas para os Estados Unidos. Ter boa aparência, em um país racista, significa viver um constante processo em busca do embranquecimento. Dessa forma, para que o sujeito negro prove sua humanidade, muitas vezes, ele se utiliza de recursos que o aproximem do fenótipo da brancura..

Essa questão discutida por Sobral é encenada pela personagem Socorro durante todo o percurso do conto, seu cabelo e seu corpo eram regulados por uma estética dominante. Sobre isso, Sousa (1983), em *Tornar-se Negro*, argumenta que:

é a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (SOUZA, 1983, p.29).

Os corpos negros são constantemente regulados por essa estética que através de vários espaços públicos, como vimos o exemplo da empresa Bombril, dissemina imagens e discursos que classificam e menosprezam esses corpos a troco de uma manutenção hegemônica. Cristiane Sobral nos apresenta Socorro como uma vítima dessa violência racial e sistêmica.

A narradora conta como foi a infância da protagonista, mostrando que as referências que ela tinha, na mocidade influenciaram seus desejos de parecer branca. Brincava com *barbies*, que, à época, eram produzidas em correspondência com o padrão

⁶ A empresa Bombril lançou uma nota, segundo o Jornal G1, informando que o produto estava no mercado há 70 anos e não era um relançamento ou reposicionamento. Porém decidiu retirar a marca do seu portfólio por conta da pressão da população que protestava contra essas associações racistas da esponja com o cabelo crespo. Matéria disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/06/18/bombril-retira-krespinha-do-mercado-acusacoes-de-racismo-fazem-marcas-reformularem-ou-descontinuarem-produtos.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2020.

⁷ Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao grupo KTV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=evAUqXhr3UQ>> Acesso em: 10 set. 2020.

estético branco, assistia a novelas em que os protagonistas galãs eram sempre os brancos e lia contos de fadas com protagonistas brancos. Sobral (2016), em sua dissertação de mestrado, aponta questões que influenciam na construção da subjetividade negra e pontua que “qualquer modelo único restringe as perspectivas de caracterização da subjetividade. Os padrões de referências e excelência no mundo da ficção influenciam e muito a projeção da realidade e da subjetividade” (SOBRAL, 2016, p. 18). Por isso, podemos inferir que a falta de referências negras na vida da personagem Socorro é um componente relevante para a compreensão da autorrejeição e do sentimento de inferioridade que, por meio da descrição da narradora, caracterizam-na.

A narração da infância da personagem Socorro, portanto, provoca reflexões acerca de como funciona a lógica das relações raciais, como o padrão estético branco influencia na construção da identidade negra e ainda se isenta da problemática da violência racial.

Diante disso, é importante salientar como os sujeitos brancos reagem a toda essa opressão. Segundo Maria Aparecida Bento (2002), o grupo branco,

Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim justifica as desigualdades sociais. (BENTO, 2002, p.26)

As reflexões da psicóloga Lia Vainer Schucman dialogam com essas questões. Em sua tese, *Entre o ‘encardido’, o ‘branco’ e o ‘branquíssimo’: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, ela questiona:

Quais os significados da branquitude em nossa cultura? De que forma ela se caracteriza? Quais as identificações em semelhanças e diferenças que os sujeitos brancos constroem com a branquitude? Quais os processos em que a raça opera na constituição dos sujeitos como brancos? Como a própria ideia de raça e os valores da branquitude diferenciam e hierarquizam internamente o grupo de brancos em nossa sociedade? A questão aqui é entender como os pressupostos falsos ou imaginários sobre a raça – quando esta, do ponto de vista biológico, não existe – passaram a ter efeitos concretos tão poderosos que regulam práticas cotidianas, percepções, comportamentos e desigualdades entre diferentes grupos humanos. (SCHUCMAN, 2012, p. 15)

As indagações da intelectual Schucman (2012) são necessárias para refletirmos sobre a identidade racial do branco, suas imposições e privilégios herdados desde o

período escravocrata. Ela questiona por onde caminham os brancos que garantiram sua isenção e omissão da culpa pela discriminação que atinge a população negra.

Os impactos causados pelo ideal de branquitude, entendido por ela como “um dispositivo que produz desigualdades profundas entre brancos e não brancos no Brasil” (SCHUCMAN, 2012, p.29), influenciaram, de forma negativa, na formação da subjetividade dos sujeitos negros. Em contrapartida, os sujeitos brancos adquiriram e sustentaram seus privilégios “simbólicos” e “concretos”.

As atitudes da personagem Socorro em relação a sua aparência e gestos na sociedade que se queria branca é umas das questões que a narradora coloca em evidência:

Socorro era um exemplo de cidadã em busca de evolução. Pelo menos era o que aprendera nas entrelinhas da realidade apresentada como alternativa para pessoas como ela, que pretendia conquistar o seu lugar, na sombra, por favor. Fazia sua parte. Comia pouco para não engordar e ressaltar as nádegas e coxas protuberantes e evitava rodas de samba e cerimônias religiosas afro-brasileiras. Andar vestida toda de branco ou de vermelho nem pensar. Falava baixo, gesticulava com moderação e preferia ser discreta. Ao sorrir espontaneamente, mesmo entre amigos, evitava mostrar com exagero a sua arcada dentária. Tinha tudo a ver com o seu sonho de deixar de ser uma mancha negra perante a sociedade e tornar-se elegante, transparente e invisível, é “claro” (SOBRAL, 2016, p.90).

Observamos, nesse trecho, como as estruturas de poder influenciam a vivência de Socorro. Essas instâncias regulam o seu modo de viver por sua dupla condição de ser mulher e ser negra e ela vive atenta às formas de como uma mulher precisa se comportar para estar dentro de um modelo único com sua feminilidade exacerbada e postura conveniente a de uma mulher estereotipada.

Além disso, segundo a narradora, ela não deixa transparecer seus traços físicos e subjetivos relacionados à negritude. Em *Pele negra máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008), discute sobre as diversas formas de dominação e opressão advindas do colonialismo. Para ele a desconsideração da cultura e da humanidade do povo negro e do complexo de inferioridade causado no colonizado é uma estratégia de dominação que introjeta, nos corpos negros, um sentimento de inferioridade. Assim, o autor considera que “o conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação.” (FANON, 2008, p. 104) e a ameaça e a violência advindas do ideal de branquitude faz a população negra acreditar que a saída do preconceito se dá no “mundo branco.”.

Observamos ainda que as posturas a que Socorro aderiu como sinônimo de “exemplo de cidadã em constante evolução” dizem muito sobre o que a branquitude

instaurou como exemplo/padrão. Os brancos, presos em sua brancura, não conseguem se perceber racializados, nem tampouco integrantes de uma identidade racial branca, mas de uma identidade única que a outras identidades devem alcançar e seguir.

A narrativa vai sendo guiada pelos olhos da narradora que nos faz perceber sua postura enquanto contadora da história. Sabedora de todos os acontecimentos, dos desejos e aflições das personagens da narrativa, configurando-se onisciente, ela narra em terceira pessoa e expõe suas vozes interiores ao construir as personagens e o enredo. Ela prossegue narrando a forma como Socorro se arruma para ir a uma festa:

No rosto, usava uma base líquida dois tons mais clara que a sua pele, sombra escura bem aplicada nos cantos do nariz para que parecesse afilado e um batom clarinho para disfarçar os lábios grossos. Suas pernas viviam diariamente aprisionadas sob uma implacável da meia-calça branca. (SOBRAL, 2016, p. 90)

Nesse trecho, encontramos uma correspondência com a performance “White Face and Blond Hair”⁸ da artista visual Renata Aparecida Felinto ambientada em São Paulo, na Rua Oscar Freire, em 2012. A performance é encenada por uma mulher negra que se reconfigura aos moldes da estética branca com o auxílio de uma peruca loira, base em tom claro e meia-calça. A performer passeia por lugares em que são majoritariamente ocupados pela branquitude e utiliza roupas e acessórios que relembram uma pessoa com um alto poder aquisitivo, como relógio, óculos solares, salto e roupas sofisticadas. A artista visual, através da performance, faz um jogo irônico para questionar categorias de raça e classe.

Figura 1: Performance “White Face and blond hair” da artista visual Renata Felinto.

Foto: Crioulla Oliveira⁹

⁸ FELINTO, Renata. *White face, blonde hair*. Videoperformance. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r1WqvnAhE6Q>>. Acesso em: 4 set. 2020.

⁹ OLIVEIRA, Crioulla. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/mostra-fotografica-coloca-em-discussao-padrao-de-beleza,18557>> Acesso: 04 set. 2020.



Figura 2: Performance “White Face and blond hair” da artista visual Renata Felinto.

Foto: Site da artista¹⁰



¹⁰ FELINTO, Renata. Disponível em: <<https://renatafelinto.com/tambem-quero-ser-sexy/>> Acesso: 04 set. 2020.

A correspondência encontrada entre os dois projetos artísticos (conto “Metamorfose” e performance “White Face and Blond Hair”) é a representação caricaturada e ridicularizada das personagens que foram desenvolvidas pelas artistas. Essa representação nos suscita uma reflexão acerca do protótipo definidor de boa aparência elegido pela branquitude que engendra e potencializa o racismo.

A aparência, muito bem articulada para ridicularizar nas duas performances, é um dos mecanismos de controle que a branquitude exerce sob a população negra, o qual legitima e perpetua a discriminação e a desigualdade. No Brasil, o racismo se dá em relação ao fenótipo e à aparência, configurando o que Oracy Nogueira denomina de “preconceito de marca”. Isso se dá, segundo ele, “quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque.” (NOGUEIRA, 2006, p.292). Socorro e a personagem de Renata Felinto, travestidas à moda branca, assumem a forma irônica de ressaltar a aparência do branco para criticar questões de raça e classe.

A performance, aqui entendida como instrumento de reflexão, reinventa o corpo para criar significados. Segundo Oliveira (2010), auxiliada pelos estudos de Zumthor (1997), estudioso na área da atuação performática, “uma obra seria impensável sem a voz, sem a performance, por meio da qual se estabelece um contato efetivo entre o intérprete e os espectadores”. Sobral (2016) utiliza recursos que dialogam com essa dinâmica que envolve o corpo. É possível identificar na construção do texto alguns aspectos, a saber: a plasticidade das descrições; presença do corpo negro como algo em destaque e em performance no conto, estrutura do enredo e vocabulário.

O processo criativo da autora envolve a palavra plástica que empreende a junção das artes literárias, visuais e performáticas. No ato da leitura do conto, o leitor dialoga com o texto criando imagens que auxiliam no processo de interpretação. Não é à toa que as personagens e suas ações são postas de forma caricaturadas, a autora utiliza essas características para gerar significados.

As interlocuções entre o texto e a performance (...) arruinam as estruturas fechadas, torcem as convenções do drama, liberam a linguagem, potencializam o gesto, o olhar e a escuta como possibilidades de construção dramática, realçando no texto dramático sua natureza performática por excelência. (MARTINS, 2011, p.107)

Há alguns termos no corpo do texto literário, como “espetáculo”, “clímax”, “bis”, “close”, que dialogam com essa construção dramatúrgica constituindo nuances de uma estética performática que combina com composições do teatro e das artes visuais.

No prosseguimento do texto, a narradora apresenta a complicação que se dá no enredo. No trajeto da festa, Socorro é bloqueada no trânsito por um motorista de ônibus, “[...] um homem negro, desses muito apressados, nunca sobreviveu ao teste de boa aparência, cheio de sono pela jornada e trabalho combinada com a faculdade à noite.” (SOBRAL, 2016, p. 91). Nesse momento da narrativa surge o personagem Jorge, que, como demonstra a narradora, tem aparência e tom da pele também lidos como inferior pelos padrões brancos.

Sousa (1983) elucida como se construiu a emocionalidade e a ascensão social do negro historicamente, mote pertinente para interpretar a vivência do motorista Jorge. Ela destaca que: “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.” (SOUSA, 1983, p. 19). O personagem Jorge é uma das vítimas da atualização dessa estrutura, ele “luta contra a maré da dominação branca”, mas, ainda assim, se vê imerso em uma sociedade que pensa o negro como uma mancha. Ele luta contra a dominação a partir do momento em que ele “aprendeu a ler” (estudando em uma faculdade) e futuramente não precisará mais “lavar os pratos” (trabalhar fadigosamente em empresas de ônibus). Essas frases nos remetem à poesia de Cristiane Sobral “Não vou mais lavar os pratos”, grande exemplo de transgressão, insubmissão e ascensão negra.

Além disso, a exaustão que Jorge sente por estudar e trabalhar nos leva a refletir sobre a hierarquização das posições sociais dependendo da categoria racial. No Brasil, a distribuição dos indivíduos se dá “conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante.” (SOUSA, 1983, p.22) Ou seja, quanto mais aproximado do padrão racial mais privilégios o indivíduo terá, quanto menos aproximado, menos privilégios.

A subalternização tanto em Socorro quanto em Jorge nos remete, uma vez mais, aos estudos de Fanon (2008) que destacou ao investigar como se dá a relação entre negros e brancos em sociedades que sofreram o processo de colonização, ele resgata

esse processo vinculando-a a constituição de subjetividades e apresenta como se deu o desdobramento do racismo.

Fanon (2008) faz uma convocatória aos leitores negros e brancos para que estes questionem suas existências, as quais têm séculos de incompreensão e lacunas. O autor defende que no racismo colonial, há o desdobramento dos diversos racismos e da inferiorização do homem negro: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado.*” (FANON, 2008, p. 90). A partir do momento em que o grupo branco contestava a humanidade da negritude, o colonizado passou, então, a questionar-se e a se vê preso a uma ideia que foi colocada pelo europeu como superior.

Fanon (2008) ratifica, ainda, o fato de que o problema do racismo está estritamente relacionado à crença do branco em ser superior e único. A subjetividade negra é violentada a partir do momento em que a branquitude impõe ao negro um padrão de vida e obriga-o a sobreviver em um mundo branco com ideais brancos.

Dando seguimento à narrativa, Socorro decide descer do seu automóvel para tirar satisfação com o motorista por este ter causado o acidente no trânsito. Nesse instante, a voz narrativa do texto dá sinais de que Socorro (re)nasce a partir do momento em que se vê confrontada com a realidade de Jorge: “[...] Essa situação provocou Socorro, Socorro enxergou a sua própria realidade. Tudo bem que não conseguiu definir quase nada a princípio, mas estava nascendo...” (SOBRAL, 2016, p. 91).

Ainda sem compreender o que se passava na realidade dela e de Jorge, ela desce do carro para falar com ele e enquanto isso “[...] os passageiros, agitados, estavam preparados para um espetáculo, e por isso brigavam entre bolsas, ombros, cotovelos, pulsos, e mãos, pelos melhores lugares nas janelas do transporte público. Uma chuva, torrencial, gritava e batia no chão.” (SOBRAL, 2016, p.91). A forma como os passageiros reagem a toda cena narrada nos leva a inferir que eles fazem o papel de espectadores na plateia, assistindo e reagindo a toda performance encenada por Socorro e Jorge.

Os estudos de Jonathan Culler (1999), na obra *Teoria Literária: uma introdução* são esclarecedores para pensar a forma e o conteúdo de uma narrativa: “Uma obra literária é um objeto estético porque, com outras funções comunicativas inicialmente postas em parênteses ou suspensas, exorta os leitores a considerar a inter-relação entre forma e conteúdo.” (CULLER, 1999, p.40). A escrita de Sobral dialoga com esse

pensamento, visto que contribui para uma dupla apreciação do conto tanto através da linguagem quanto do conteúdo que é transmitido, revelando, ainda, a noção de uma performance teatral.

Avançando na progressão da narrativa, o motorista Jorge, enfurecido direciona a seguinte frase: “– Fala, negrona! Fez a progressiva né? Cuidado com essa escova progressiva, isso é a maior regressão na vida de um ser humano!” (SOBRAL, 2016, p.92). Utilizar produtos químicos para ele era símbolo de embranquecimento e a forma como ele se manifestou deixou a protagonista Socorro muito provocada. A provocação não foi apenas pela frase reveladora que ele fala, mas também por ser um homem negro. Ela se identificou com ele por perceber que tinham algo em comum entre eles: a negritude. Dessa forma, Socorro tem uma instantânea reação de reconciliação com seu eu negro:

tirou da bolsa uma tesoura pequena e começou a cortar o cabelo. Quanto mais cortava, mais bonita ficava, mais serena, mais incrivelmente consciente. Para o espanto geral, pela primeira vez parecia uma mulher normal, completamente negra e linda. Suas pernas foram finalmente descobertas pela meia-calça rasgada e o rosto não apresentava mais vestígios da maquiagem, desfeita pela força das águas. (SOBRAL, 2016, p. 92)

Segundo Santos (2018), “a chuva exerce papel primordial, visto que é a água que retira a maquiagem da pele e resgata o cabelo crespo e o corpo negro. Sendo assim, o encontro da protagonista com o motorista Jorge provoca uma transgressão e uma quebra de preconceitos raciais e de gênero.” (SANTOS, 2018, p. 141). As águas da chuva que lavam todo “resquício de embranquecimento” do seu corpo caricaturado firmou o renascimento de Socorro.

Socorro sofre um processo de descoberta em que a sua negritude é finalmente enxergada pelo espelho negro. Essa transformação é sugerida no título do conto “Metamorfose”, mesmo título da novela de Franz Kafka, com a qual a obra de Sobral (2016) dialoga, tanto com o título quanto com o conteúdo.

A obra de Kafka apresenta a vida de Gregório Samsa, um jovem caxeiro-viajante que provia as necessidades de sua família. Essa responsabilidade o tornou sobrecarregado e sua vida girava em torno do trabalho. Até que um dia ele acorda transformado em um inseto e foi gradativamente perdendo a sua humanidade.

Esse personagem nos remonta a uma alegoria. Conforme o Dicionário de Termos Literários¹¹, “etimologicamente, o grego *allegoría* significa ‘dizer o outro’, ‘dizer alguma coisa diferente do sentido literal’, e veio substituir ao tempo de Plutarco (c. 46-120 d.C.) um termo mais antigo: *hypónoia*, que queria dizer ‘significação oculta’”.

A novela discute através da alegoria do jovem metamorfoseado em inseto as relações humanas na sociedade moderna e capitalista que ao passo que desumaniza o trabalhador ainda o coloca em um estreito lugar de desvalorização. Ao se tornar inseto, Gregório se tornou incapaz de trabalhar e isso fez com que sua família o rejeitasse. A crítica aqui mostra como as relações humanas baseiam-se em interesses capitalistas.

Podemos encontrar um ponto de conexão entre esses textos devido à forma alegórica de apresentar as personagens. O intuito de trazer a mulher negra artificializada é bastante significativo, a mulher como alegoria evoca uma crítica à sociedade racista que impõe um modelo de vida a ser seguido. Quando Socorro é descrita de maneira grotesca e ridícula pela narradora é para suscitar a crítica ao ideal do branqueamento. Também vale mencionar a forma que Socorro vai ganhando na narrativa nos leva a questionar a escolha do seu nome escolhido por Cristiane Sobral que, nos possibilita inferir como o nome revela o conflito que a personagem tem com sua própria imagem.

De acordo com o minidicionário Aurélio o vocábulo “socorro” pode ser classificado em dupla categoria. Pode ser um substantivo feminino, que significa “ajuda ou assistência a alguém que se encontra em perigo, necessidade, etc.” ou uma interjeição, “usada para pedir auxílio.” Esse nome sublinha como a personagem está imersa na sociedade e mobiliza reações de resistência efetivando a construção de seu pertencimento e seu renascimento negro. A autora nos permite refletir, através da ficcionalidade, a vida de muitas mulheres em nossa sociedade que sofrem com a influência da branquitude que dita a padronização de beleza.

O desfecho do conto em análise, também possui características do teatro, apresentando um final feliz para todos. “[...] Os dois beijaram-se como num apaixonado beijo de cinema. Último close que todo mundo viu. O pessoal na rua e no ônibus aplaudiu e pediu bis. Todo mundo começou a se beijar no ônibus e no meio do asfalto.” (SOBRAL, 2016, p. 93) e por fim o cobrador de ônibus que assistia a tudo não ficou de

¹¹ CEIA, Carlos. Disponível em: < <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria/> > Acesso em: 07 ago. 2020.

fora da alegria e seu sonho de dirigir um ônibus foi realizado já que Jorge seguiu com Socorro.

Ao tornar-se negra, a personagem Socorro compreende seu eu de outra maneira, desde o físico até o subjetivo. Ela “contraria seus desejos de outrora” (SANTOS, 2018, p. 141) de casar-se com homem branco, iniciando um possível romance com Jorge. Essa ação transgressora simboliza a união da negritude que nasceu junto ao processo de descoberta da protagonista.

O conto “Metamorfose” e a riqueza de sua composição estética empreendem proposições que convocam a criticidade leitora a pensar a sociedade em que estamos inseridos e a combater padrões que regulam e cerceiam identidades. Na narrativa, a personagem Socorro vive em um constante exercício de se impor para dizer que existe. “A espontaneidade lhe é um direito negado, não lhe cabe simplesmente ser – há que estar alerta não tanto para agir, mas, sobretudo evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente.” (SOUSA, 1983, p. 27) É dessa forma que a narradora põe Socorro na narrativa, ela sente a necessidade de estar constantemente na defensiva para que não a discriminem ou apontem.

Ainda observando as correspondências entre outras leituras e o conto “Metamorfose”, é interessante observar que ele foi republicado com esse título em 2016 na obra *O tapete voador*, porém há uma primeira versão com o título “Cauterização” que foi publicada nos *Cadernos Negros* em 2009 e na obra *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da percepção* em 2011. As narrativas possuem as mesmas personagens e o enredo se diferencia minimamente. No conto “Cauterização”, os primeiros parágrafos são dedicados a dar significado ao termo dado no título:

A última novidade do universo capilar que vem tomando conta dos principais salões do país é a cauterização. Este processo intensivo de reestruturação dos fios promete a solução para os chamados "cabelos desapontados". Segundo o dicionário Aurélio, cauterizar tem vários significados, como “destruir” e “afligir, penalizar ao extremo”. (SOBRAL, 2014, p.25)

Esse é o processo que a personagem Socorro utiliza para se aproximar do padrão branco e assim ser mais aceita na sociedade em que vive. Nos parágrafos seguintes a narrativa fica igual à do conto “Metamorfose”. A troca de títulos nos leva a inferir que dar enfoque ao processo de metamorfose da personagem seria mais relevante. Quando o leitor ou a leitora ler, “de cara” o termo “cauterização”, a leitura fica direcionada apenas

para os processos violentos que a personagem vivencia. Ao ler o termo “metamorfose”, o leitor ou a leitora pode expandir a leitura e entender o porquê de cauterizar.

A leitura da personagem Socorro do conto em análise nos aludiu às origens das discussões acerca das relações raciais no Brasil para compreendermos que o grupo branco legitimou as facetas da discriminação para garantir seus privilégios e essa garantia custou a vida e as formas de viver da população negra que por se sentir ameaçada foi submetida a contestar sua identidade configurando caricaturas ou “máscaras brancas” para citar Fanon (2008). Nesse sentido, podemos compreender a literatura como a arte do encantamento, do inesperado, da construção e desconstrução de sentidos. Através de suas características estéticas, artísticas e temáticas ela pode assumir formas de criticar a sociedade. Pensando nisso, no capítulo seguinte iremos sugerir uma proposta de mediação literária no ambiente escolar visando trabalhar o texto literário e suas características que contribuem para a interpretação textual.

3. EMPRETECENDO O ENSINO: NUANCES DE UM TRABALHO DE INSPIRAÇÃO PRETAGÓGICA

A educação e os estudos étnico-raciais devem estar relacionados quando pensamos em uma educação humanizadora e antirracista. Para promover um estudo eficaz da realidade social e diversidade racial as/os educadoras/es precisam estar cientes de seu papel na escola, bem como, compreender que a instituição escolar é formada por muitas dimensões, a saber: “a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras.” (GOMES, 2005, p.147)

Gomes (2005) enfatiza que antes de pensar em quais metodologias adotar, é necessário que os docentes estejam comprometidos com a causa racial, ou seja, concordem que o racismo existe e está presente nas escolas brasileiras. Além disso, é preciso que compreendam que estudar as relações étnico-raciais é uma forma de valorizar as identidades e culturas e de combater a discriminação.

Em sentido que dialoga com as proposições de Gomes (2005), está a importante obra *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores – Contribuições do legado africano para a implementação da lei 10.639/03* de Sandra Haydée Petit. Esta obra propõe uma abordagem teórico-metodológica que considera o corpo como um grande lugar do saber subvertendo modelos de aulas cristalizados.

A Pretagogia traz “para dentro do currículo referenciais culturais e filosóficos inspirados na matriz africana, uma forma particular de ser e estar no mundo e que sugere abordagens diferentes das eurocentradas convencionais.” (PETIT, 2015, p. 150). Desse modo, ela se constitui um referencial que permite a descolonização dos corpos e promove um ensino desafiador, que valoriza a subjetividade e as experiências sensoriais e afetivas, construindo uma relação saudável entre docente e discente.

Petit (2015) desenvolve uma reflexão acerca da desvalorização da tradição oral nos ambientes escolares e da supervalorização da escrita. O gesto de correlacionar a literatura à escrita é algo comum no Ocidente, porém há outras regiões que fundamentam seus saberes em outros esse sistema de linguagem. Sobre isso ela afirma que:

existe um preconceito segundo o qual a literatura oral tem menos preocupação estética que a escrita e que não apresenta originalidade e

imaginação individuais. Isso acontece por falta de conhecimento das formas mais elaboradas de literatura oral na África. No Brasil de hoje em que se conquistou uma lei que institui, pela primeira vez, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas (10.639/03), torna-se um grande desafio fazer da cosmovisão africana e da tradição oral, conteúdos curriculares, uma vez que os programas escolares têm sido, até agora, sempre eurocêntricos, baseados em princípios até mesmo antagônicos aos das culturas negras. (PETIT, 2015, p. 110)

Conforme o excerto aponta, No Brasil, a oralidade na sala de aula é pouco considerada e seu exercício é desafiador porque tudo o que foge da padronização imposta por um sistema eurocêntrico e branco e se distancia da nossa percepção e compreensão é considerado caótico, exótico. Aqui cabe a seguinte reflexão: será que as escolas estão preparadas para “chacoalhar” saberes endossados a fim de construir um ensino antirracista e emancipatório? O trabalho com as cosmopercepções africanas se faz muito necessário nesse processo de ensinagem e implica o resgate dos princípios que engendram a noção da Pretagogia, a saber, o autorreconhecimento afrodescendente, a tradição oral, a ancestralidade, o sentimento de pertencimento, a religiosidade, o corpo, a circularidade, a territorialidade.

Dessa forma, “o uso, da oralidade como fonte de produção e modo de apropriação didáticos implica em sensibilidade, respeito e envolvimento para com o outro, numa atitude política de valorização.” (PETIT, 2015, p. 125) Ancorada nos estudos de Hampatê Bâ, a autora Sandra Petit (2015) afirma que a oralidade africana, nas dimensões educativas, promove o respeito aos mais velhos, à espiritualidade, à diversidade e ainda permite gingar por outras manifestações artísticas tais como a dança, o teatro, a música e a culinária. Para a autora,

muitas são as possibilidades de implementar a importante lei de Diretrizes e Bases da Educação - 10.639/2003, em nossa sala de aula, valorizando a influência linguística do continente africano em nossa própria língua, apresentando as diferentes paisagens nesse abrangente continente, possibilitando aos alunos um olhar menos homogêneo do continente africano, como tantas vezes é equivocadamente apresentado para nós, valorizando em nossas aulas, os princípios da cosmovisão africana, como valorizando o uso do corpo, da dança e os elementos da natureza, da culinária, a oralidade e a estética, todos os meios de fortalecimento da nossa identidade afrodescendente. (PETIT, 2015, p.196)

A legislação criada para promover o debate sobre as cosmopercepções africanas são fundamentais para pensar diferente a respeito da cultura e da história negra. Dar visibilidade a esses temas na sala de aula é um ato revolucionário, pois evoca narrativas

que foram por muito tempo desprezadas e tidas como exóticas. Além disso, promove a aproximação e a identificação dos estudantes em relação a sua cultura.

Em *Pedagogia das encruzilhadas*, Luiz Rufino (2019), dialoga com as questões metodológicas relacionadas à palavra-corpo. O autor utiliza Exu como fundamento para um ensino gerador de possibilidades e cruzos que confrontem com os padrões impostos pelo colonialismo. Para ele,

A partir do saber em encruzilhadas, a transgressão da colonização das mentalidades emerge como um ato de libertação, que produz o arrebatamento tanto dos marcados pela condição de subalternidade (colono) quanto dos montados pela condição de exploradores (colonizadores). A prática das encruzilhadas como um ato descolonial não mira a subversão, a mera troca de posições, mas sim a transgressão. Assim, responde eticamente a todos os envolvidos nessa trama, os envolvem, os “emacumba” (encanta), os cruza e os lança a outros caminhos enquanto possibilidades para o tratamento da tragédia chamada colonialismo. (RUFINO, 2019, p.75)

Essa educação emancipatória e transgressora permite que os corpos “subvertam as lógicas de objetificação produzidas pelo colonialismo” (RUFINO, 2019, p.61). O ensino de literatura aliado ao corpo em movimento promove o encantamento, quebra silenciamentos corporais e verbais que foram historicamente impostos ao sujeito negro e promove a discussão e respeito à diversidade étnica. A educadora e o educador que se dispõe a tratar de assuntos, como afirmação de pertencimento e ancestralidade, na sala de aula, oportuniza um conhecimento que geralmente é silenciado e negado. Afirmar-se como negra/o, em nossa sociedade, é um exercício difícil e que sempre se manterá em construção, e nesse sentido, as aulas de literatura podem ser um grande instrumento mobilizador de autoafirmações e ressignificações.

O conto “Metamorfose” (2016), analisado no capítulo anterior, mobiliza todas essas discussões a partir da construção das personagens. A seguir, sugeriremos uma proposta didática que compreende o referencial teórico-metodológico discutido aqui. O planejamento didático sugerido empreende atividades que movimentam o corpo através da leitura literária.

3.1. Apresentação da proposta didática

Esta proposta surge do interesse em trabalhar a literatura negro-brasileira em sala de aula compreendendo um ensino pautado na centralização do corpo como esfera do saber, “que transgride a violência e a opressão inscrevendo formas de luta e possibilidades de reinvenção de si.” (RUFINO, 2019, p.61). Direcionamos este

planejamento didático para o ensino formal, especialmente, para estudantes do 3º ano do ensino médio. O objetivo geral desta proposta é ampliar o horizonte de expectativas dos discentes através da literatura negro-brasileira e das performances artísticas. Além disso, compreender a ideia de ancestralidade, pertencimento e corporeidade. O tempo estimado para o desenvolvimento da sequência é de 7h30min., distribuídas em três encontros.

3.2. Encontro I: Primeiros diálogos

3.2.1 Conteúdos abordados

- Gênero artístico videoperformance;
- Conceito de “branquitude”;
- Conceitos de “raça” e “classe”;
- Aspectos breves sobre a ironia que se empreende na videoperformance.

3.2.2 Objetivos

- Ampliar repertório artístico das/os estudantes através da apreciação da videoperformance *White face and blond hair* da artista Renata Felinto.
- Observar os aspectos estéticos e artísticos que contribuíram para a construção de sentido da performance;
- Relacionar a obra artística com as experiências vivenciadas em sociedade.
- Refletir sobre o conceito de “branquitude” e, por conseguinte, sobre os privilégios brancos que engendram o racismo no Brasil.

3.2.3 Desenvolvimento (Tempo estimado: 2h30min.)

No primeiro momento deste encontro, começaremos organizando a sala de vídeo em um semicírculo para a exibição da videoperformance *White face and blond hair*. Após a chegada dos estudantes à sala, daremos início a um pequeno diálogo para ativar os conhecimentos prévios das/dos discentes. Para mediar esse momento faremos as perguntas: Vocês já foram ao teatro? Assistiram a alguma performance teatral? Caso as respostas sejam negativas, perguntaremos: o que vocês pensam quando falamos em performance? Cada estudante pode dizer uma palavra ou frase para que se dinamize a aula. Em todo caso, abriremos espaço para cada um expressar suas vivências ou imaginário quanto a esses gêneros artísticos.

Esse é o momento em que saberemos como eles/elas estão situados nesse universo, sua familiaridade, seus gostos e suas experiências. Isso consiste no que Bordini e Aguiar (1993) chamam de “determinação e do horizonte de expectativas”. A aula da/do professora/professor vai sendo guiada através do que as/os estudantes trazem de bagagem e através disso ela/ele poderá construir junto à classe novos conhecimentos.

Após a partilha de pretensões e possíveis experiências, faremos uma breve colocação a respeito do que é performance e da fusão dos gêneros vídeo e performance para situá-los em relação à temática da aula. Em seguida, apresentaremos a artista visual Renata Felinto e a videoperformance que será exibida. Após a exibição do vídeo, daremos um tempo de 5 a 7 minutos para que formem cinco grupos e cada grupo ficará com uma provocação para ser discutida após a exibição fílmica. As provocações serão: 1) Como vocês percebem a performer? 2) Se você fosse funcionário (a) ou frequentador (a) de alguma loja em que a performer estava entrando como você reagiria? 3) Esta performance te lembra o que? 4) Que impactos você sentiu ao assistir? 5) Que mensagem esta produção artística quis apresentar e como você chegou a esta resposta?

Em seguida, abriremos a roda-espaco para que cada grupo dialogue de sua forma a respeito das provocações entregues. Segundo os ensinamentos proposto por Lerner (2003), esse momento permite:

- Determinar as funções do docente e dos alunos, de tal modo que estes possam assumir a responsabilidade de compreender e validar suas interpretações, e tenham a oportunidade de construir os conhecimentos e as estratégias necessárias para fazê-lo;
- articular o trabalho coletivo e individual, de tal modo que todos os alunos possam ser beneficiados pelos aspectos produtivos da interação cognitiva, ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade pelo projeto de aprendizagem e, principalmente, a responsabilidade de compreender o que leem. (LERNER, 2003, p.132).

A autonomia das/dos estudantes, no ato da recepção da obra, é importante para que elas/eles possam adquirir senso de responsabilidade e não fiquem dependentes do professor para tudo na sala de aula. A/o discente precisa ocupar seu papel de protagonista e dialogar com seus colegas e seu professor.

Dando prosseguimento à aula, durante as falas, faremos, com o auxílio de um projetor de imagens, algumas intervenções para mediar a discussão agregando ideias e referências. Mostraremos as imagens da performance disponibilizadas no site da artista; analisaremos suas vestes e seus acessórios; destacaremos a escolha espetacular de

Felinto em criar uma personagem travestida de forma oposta ao seu fenótipo; discutiremos acerca da nossa leitura frente à performance, expondo o que é ironia e quais são os recursos irônicos que contribuem para o jogo de sentido que a artista produz para discutir questões de raça e classe.

Para isso desmembraremos esses termos para que a/o discente compreenda o que está sendo dito; ainda falaremos pontualmente sobre o que é branquitude. Esse momento de “ruptura do horizonte de expectativas”, faz com que elas/eles fiquem motivadas/os com novos conhecimentos e questionem crenças e costumes. Essa aula será importante para introduzir a próxima aula que terá como foco o estudo do conto “Metamorfose” (2016).

3.3. Encontro II: Corpo-texto: literatura em cena

3.3.1 Conteúdos abordados

- Conceito de “performance”;
- Noção do corpo-voz na literatura;
- Experiência da mulher negra no Brasil;

3.3.2 Objetivos

- Apresentar o conceito de “performance” e seu caráter vivo de expressar e materializar a palavra;
- Apreciar o texto literário e estimular o senso crítico dos estudantes;
- Mobilizar os saberes do corpo suscitados pela leitura literária.

3.3.3 Desenvolvimento (Tempo estimado 2h30min.)

Em um primeiro momento, organizaremos um ambiente arejado e confortável, de preferência em um espaço aberto da escola, com as cadeiras posicionadas em forma de círculo ou dependendo do local as/os discentes poderão se sentar no chão, retomando a ideia da circularidade proposta por Petit (2015). Em seguida, faremos uma dinâmica para retomar a aula anterior, explicaremos como se trata a dinâmica e iniciaremos o jogo. A dinâmica se chama fio da memória¹², a/o primeira/o participante deve, segurando a ponta da lã, jogar o novelo para alguém, mas, antes de jogar precisa dizer o

¹² Essa dinâmica foi realizada pela professora Rinah Souto no componente curricular Literatura Infanto-Juvenil. Considerei pertinente para este momento da sequência, pois serve para os alunos retomarem a aula anterior e fixar o aprendizado.

que trouxe da aula anterior, o que ficou na memória, o que mais tocou. Ao final será formada uma grande teia da memória.

Esse momento inicial servirá para introduzir a aula com o conto “Metamorfose”, de Sobral (2016). Ao fim da formação da teia e resgate da memória, reorganizaremos a turma em um semicírculo para que os estudantes visualizem melhor a continuação da aula que terá uma performance minha, enquanto professora de literatura. Eu, portanto, irei performar o seguinte trecho do conto:

Eis o clímax da história. Socorro tirou da bolsa uma tesoura pequena e começou a cortar o cabelo, quanto mais cortava, mais bonita ficava, mais serena, mais incrivelmente consciente. Para o espanto geral, pela primeira vez parecia uma mulher normal, completamente negra e linda. Suas pernas foram finalmente descobertas pela meia-calça rasgada e o rosto não apresentava mais vestígios de maquiagem, desfeita pela força das águas. Socorro ficou paralisada. Sentiu a dor indescritível do seu nascimento, viveu o seu mistério profundo. (SOBRAL, 2016, p.89)

Eu farei a performance toda pintada de tinta branca e com o meu cabelo preso com uma toca. Minhas vestes, de preferência curtas, também estará pintada de branca. Ao som de música instrumental, caminharei em volta do ambiente fazendo alguns gestos que vibrem com a música. Passados alguns minutos, jogarei confetes para o alto e com um pano banhado de água ou demaquilante tirará os resquícios de tinta branca. Em seguida vestirei um vestido vermelho bem adornado e começarei a dançar ao som de tambores que relembrem os rituais religiosos de matriz africana. Poderemos ver e sentir, a partir da performance, uma Socorro antes embranquecida e uma nova Socorro que não mais queria se distanciar de sua ancestralidade e pertencimento. Além dessa leitura, essa manifestação representa para mim o meu processo de metamorfose que já foi mencionado no capítulo 1. É importante salientar que, quando o educador leva para a sala de aula textos que dialoguem com suas realidades podem causar impactos bem maiores, pois os estudantes sentem quando o educador está envolvido positivamente com o assunto/texto.

Durante a performance encenada, será exibido um áudio com o trecho do conto vocalizado e previamente por mim. Será feita a vocalização da leitura, pois “o encontro da voz com o texto é um encontro cheio do imprevisível. Ele é feito de experimentações, de descobertas. Não há uma forma perfeita de colocar na voz um determinado texto; o que importa nesse contato é o processo de construção de sentidos” (OLIVEIRA, 2010 p.285) A leitura vocalizada, portanto, também se configura como uma performance pois se ocupa do corpo, da voz, da imprevisibilidade, do movimento.

As/Os discentes poderão neste momento da aula apreciar duas performances simultaneamente.

Ao final da apresentação performática, farei uma breve apresentação da autora do conto que foi encenado, ressaltando suas contribuições para a literatura negro-brasileira e indicando as suas obras publicadas. Em seguida, entregarei cópias do conto “Metamorfose” e começaremos a nos debruçar na leitura coletiva e integral do conto, lendo com as entonações necessárias e respeitando as pontuações. A voz, nesse momento, torna-se um instrumento mágico, pois será o momento de encontro da/do leitora/leitor com o texto literário vivo e em movimento. Aqui transgrediremos as ideias cristalizadas de um ensino de literatura engessado que privilegia a escrita e a “mentalidade cartesiana”. Estamos também alinhadas às proposições de Leda Maria Martins, sobretudo quando ela escreve que:

Os estudos da performance como um instrumental teórico e metodológico nos possibilitam, pois, evitar as clausuras de classificações fechadas, observando as nuances e matizes dos eventos dentre eles os da prática teatral contemporânea, expandindo nosso olhar sobre os complexos e multimatizados sistemas de referência que toda performance contém. (MARTINS, 2011, p.106)

Partir de um aprendizado que brinque com o imprevisível “faz da leitura literária um jogo”. O professor que está disposto a jogar com o seu aluno, irá junto a ele construir experiências que constituem devaneios, provocações, incertezas, imprevisibilidade e criticidade.

Após a leitura, pedirei que as/os discentes, individualmente ou em grupo, escolham um trecho do conto com o qual mais se agradaram, que foi mais impactante, ou que trouxe mais significado, para recriá-lo em forma de um exercício performático. A turma deverá adivinhar qual o trecho escolhido através dos gestos que cada participante criará a partir do texto literário. Para que as/os estudantes não se limitem em apenas reproduzir o que está dito, retomarei o assunto da performance e escureceremos que os gestos, em um exercício performático, “não é simplesmente narrativo ou descritivo mas performativo” (MARTINS, 2002, p. 65). Em seguida, cada discente poderá expor suas impressões sobre o conto e o porquê da escolha do trecho. Após esse momento, finalizarei as atividades dando algumas informações sobre como será o próximo encontro.

3.4. Encontro III: Tecendo aprendizagens sobre si: pertencimento negro e resistência

3.4.1 Conteúdos abordados

- Diálogos entre texto literário e videoperformance;
- Pertencimento étnico-racial;
- Violência dos padrões de beleza em sociedades estruturalmente racistas.

3.4.2 Objetivos

- Retomar o conto “Metamorfose” e analisar as construções das personagens do conto “Metamorfose”
- Realizar conexões entre os projetos artísticos de Renata Felinto e Cristiane Sobral;
- Refletir acerca do autorreconhecimento e pertencimento étnico;
- Encaminhar diretrizes para o produto final desta proposta.

3.4.3 Desenvolvimento (Tempo estimado 2h30)

Iniciaremos este encontro fazendo uma breve retomada do que foi visto anteriormente para começarmos a analisar o conto “Metamorfose”. Nesse momento serão feitas as seguintes provocações: 1) Quais correspondências vocês conseguem perceber nos dois movimentos artísticos? 2) Quais conflitos vivenciam os corpos negros performáticos? Em seguida, partiremos para os aspectos do conto, lançando as perguntas 1)) Como o texto literário funciona em relação ao que quer dizer? 2) O que você sentiu durante a leitura? 3) Trazendo para suas experiências de vida, você já vivenciou algum tipo de preconceito por ser quem você é? Essas perguntas serão norteadoras para que a discussão seja mediada e que dialoguem e contribuam durante a aula. Durante uma intervenção e outra iremos contando algumas experiências de leitura e de vida.

Para que haja sucesso na recepção do texto literário, faz-se necessário que, durante a mediação da aula, sejam construídas pontes que conectem a/o estudante à obra, estimulando-a/o a compreender sua vivência estabelecendo relações entre seu horizonte de expectativas e aquisição de novos conhecimentos obtidos com o novo repertório literário. A materialização do ensino-aprendizagem significativo será alcançada a partir dos seguintes objetivos:

- 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas
- 2) Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem

3) Questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural.

4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.85)

A partir dos conhecimentos já obtidos ao longo da trajetória das/dos discentes, poderemos fazer pontes com o conto “Metamorfose” de forma mais compreensível, estimulando debates e diálogos pertinentes acerca da temática e da estética do texto. Dessa forma elas/eles conseguirão apreender melhor novos conhecimentos.

Em seguida, começaremos a discutir acerca de cada uma das personagens que vai aparecendo no conto. Faremos isso fazendo algumas voltas ao texto literário, relendo alguns trechos para que o debate fique consistente. A ideia é apresentar a complexidade dos sujeitos construídos por Sobral, pontuando suas características físicas e subjetivas. Além disso, discutiremos quais as funções essas personagens desempenham no conto e que movimentos transgressores vão sendo construído na narrativa.

Destacaremos, especialmente, o processo de descoberta vivenciado pela personagem Socorro no qual se configura seu renascimento, uma ressignificação de seu pertencimento étnico. Provocaremos os discentes para que eles repensem a atuação da protagonista no conto, se ela é construída de forma ingênua, quais os sentidos que ecoam e que imagens são desenhadas ao apreciar a performance de Socorro. Dialogaremos acerca das opressões vivenciadas pelos sujeitos negros na sociedade brasileira e como a padronização da estética branca eurocêntrica violenta esses corpos que se autorrejeitam e se mantêm sempre na defensiva para se resguardar do preconceito.

Para avançar nesse assunto e para que as/os estudantes possam ampliar seus conhecimentos, exibiremos o documentário “Espelho, espelho meu”, dirigido por Jaqueline Barreto (2015) que dialoga com as questões de pertencimento negro e da influência da estética no processo de construção de cada uma/um. Após a exibição do vídeo documentário, continuaremos discutindo a respeito da estética negra e seus conflitos de imagem recorrentes à discriminação racial fazendo conexões com o texto literário e com a performance de Socorro.

Esse momento será o mote para fazer com que as/os estudantes reflitam acerca de seus desafios em relação ao preconceito racial, se já sofreram ou não e por que. Elas/eles serão estimulados a rememorar e a contar as suas trajetórias e suas tensões durante a construção de seu sentimento de pertencimento.

Ao final desta aula, iremos propor que as/os discentes criem suas próprias narrativas, resgatando experiências acerca da construção de seus pertencimentos étnicos. Essas narrativas devem ser feitas através de uma performance e apresentadas em formato de vídeo que poderá ter até 5 (cinco) minutos. Para esta atividade, daremos alguns direcionamentos sobre como produzir um trabalho audiovisual, apontando alguns aplicativos e sites que possam contribuir com a tarefa.

Esta proposta tem grande relevância, pois pretende contribuir para uma educação antirracista. Pensando no racismo praticado nas escolas e em outros ambientes, a intenção aqui é, também, sugerir para outros educadores, práticas que considerem o corpo e a voz, transgredindo as metodologias tradicionais e eurocentradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa tive a satisfação de olhar para mim e mergulhar nesse universo que me constitui como mulher negra e professora em formação. A autoetnografia feita no primeiro capítulo permitiu o exercício de relacionar as experiências de vida com a ciência de modo que ampliou e impulsionou o olhar de quem investiga em relação à sociedade que está inserida.

Experimentar a escrita autoetnográfica fez com que houvesse a desconstrução de muitos saberes que antes eram considerados, por mim, como únicos e verdadeiros, por exemplo, a concepção de que a ciência deve ser um campo distanciado da realidade de quem pesquisa. Observando como se constitui a sociedade, materializo neste trabalho os elementos de minha trajetória que foram mais relevantes no seu processo de descoberta da negritude. Numa linha do tempo, que abrange desde os anos iniciais de formação escolar até o ensino superior foram tecidas as ideias acerca de como a educação escolar influenciou nesse processo de olhar para dentro e se reconhecer negra.

Além disso, me colocar nesta pesquisa é um ato político e revolucionário. As reflexões de Grada Kilomba (2019) mencionadas no primeiro capítulo me fizeram perceber o quanto as nossas vozes são silenciadas no âmbito acadêmico não neutro. Segundo ela, nesse espaço nós somos, geralmente, colocadas/os como objetos de discursos brancos, mas raramente somos sujeitos dos nossos discursos. Isso não significa falta de interesse ou passividade da comunidade negra, mas sim falta de acesso para ecoar nossas vozes como sujeitos de nossas próprias narrativas.

Dessa forma, a fim de trazer uma pesquisa decolonial e contra-hegemônica, me dediquei no primeiro capítulo à escrita autoetnográfica a qual insiro a primeira pessoa como forma de narrar a minha própria trajetória. Esse exercício me fez refletir acerca das minhas vivências e compreender como as estruturas de poder eurocêntricas se configuram e estabelecem um modo “universal” de vida à comunidade negra desde o período infantil, influenciando negativamente na formação das identidades e subjetividades negras.

No segundo capítulo me debrucei na análise do conto “Metamorfose” de Cristiane Sobral (2016). A análise crítica desse texto literário fez com que eu navegasse no universo vasto que é a literatura negro-brasileira e sua beleza estética e temática. A produção literária de autoras e autores negros é uma fonte inspiradora de afirmação

identitária, de inscrição de perspectivas sobre a vida, história e existência e, portanto, se faz totalmente necessário dar visibilidade a essas produções artísticas.

Através da análise crítica do texto literário adquiri mais conhecimento sobre a autora e sua trajetória intelectual e artística. Através disso pude compreender que o seu processo criativo envolve a plasticidade entre as artes literária, teatral, performática. O texto analisado foi considerado como sendo um texto performático em que as personagens encenam os acontecimentos de forma artística e nos revela o jogo irônico de questionar o racismo cotidiano.

O conto “Metamorfose” de Sobral (2016) mobilizou reflexões bastante significativas para pensar as relações raciais no Brasil. Na construção da análise crítica da narrativa pude observar como a formação da subjetividade negra foi marcada por um grande processo negativo fundamentado nas ideologias da branquitude. Diante disso, o sujeito negro se viu obrigado a mascarar suas identidades aliando-se aos padrões dominantes. A personagem Socorro do conto sofre com todo esse sistema perverso, porém consegue subverter a sua trajetória de opressão e se reconhecer negra.

Minha identificação com a protagonista implicou no desejo de reverberar identificações de outras pessoas com o texto literário. Pensando nisso, sugeri no terceiro capítulo uma proposta pedagógica com o conto, a fim de dar visibilidade à literatura negro-brasileira, proporcionar debates em relação ao racismo no ambiente escolar e construir um letramento racial em que os estudantes compreendam de onde vieram e quem são.

A instituição escolar é um significativo espaço onde os estudantes estão construindo suas várias identidades. Pensando em como exercer práticas que valorizem as cosmo percepções africanas e as experiências de vida do estudante construí uma proposta de inspiração na Pretagogia, formulação conceitual de Sandra Petit, a qual parte da assunção do reconhecimento dos corpos negros como ativos no processo de ensinagem e acredito ser totalmente urgente o uso de práticas antirracistas no cotidiano escolar.

Desde o início desta pesquisa pretendi questionar as estruturas de poder que engendram o racismo: primeiro com inserção do “eu-negra”, em seguida com a escolha do texto literário e por fim com a proposta de mediação literária em que tive como embasamento principal o pensamento de Petit (2015) sobre o corpo e a oralidade. Na proposta busquei sugerir atividades que fugissem à normalidade eurocêntrica e desse

espaço aos nossos corpos que sempre foram disciplinados, ou melhor, apagados, silenciados, manipulados por um ideal branco.

A implementação de metodologias contra-hegemônicas na sala de aula faz com que as/os discentes construam pensamentos críticos a respeito da sociedade em que vive. Segundo Petit (2015, p. 145), “um currículo assim pensado deve partilhar o saber-fazer pedagógico entre os que fazem parte da coletividade, rompendo do com a lógica ocidental da hierarquia, da verticalização.”. Transgredir a esse sistema é algo desafiador que se constrói continuamente, para isso, é necessário que as/os docentes estejam interessados em ampliar e renovar seus conhecimentos diariamente a fim de promover um ensino pautado no respeito às diferenças. Com essas últimas sugestões, finalizamos este trabalho esperançosas de que a literatura negro-brasileira possa continuar ruminando força, energia vital e resistência.

REFERÊNCIAS

De Cristiane Sobral:

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Espelhos miradouros, dialéticas da percepção**. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2018.

_____. **Teatros negros e suas estéticas na cena teatral brasileira**. 2016. 160f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

_____. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. In: FREDERICO, Grazielle; MOLLO, Lúcia Tormin; DUTRA, Paula Queiroz. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n.51, maio/ago. 2017, p.254-258.

_____. Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao Portal Literafro. 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral>> Acesso em 11 set. 2020.

_____. Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao Grupo KTV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=evAUqXhr3UQ>> Acesso em: 10 set. 2020.

_____. Entrevista concedida por Cristiane Sobral ao Programa Iluminuras. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QGgFLcVnc3E>> Acesso em 11 set. 2020.

Demais referências:

BENTO, Maria Aparecida Silva. “Branqueamento e branquitude no Brasil”. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORDA, Orlando Fals. “Las crisis, el compromiso y La ciência”, 1970. In: MONCAYO, Víctor Manuel. **Orlando Fals Borda una Sociología Sentipensante para América Latina**, CLACSO: Bogotá, 2009,.

_____. “Cómo investigar la realidad para transformarla”. In: MONCAYO, Víctor Manuel. **Orlando Fals Borda una Sociología Sentipensante para América Latina**, CLACSO: Bogotá, 2009..

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Formação do Leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em 27 out. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm >. Acesso em 27 out. 2020.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura negra”. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. (Org.). **Um tigre na floresta de signos: Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELINTO, Renata. Withe face, blond hair. Videoperformance. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r1WqvnAhE6Q>> Acesso em: 4 set. 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra e suas ramificações In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277.

GOMES, Nilma Lino. “Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação. In: KABENGUELE, Munanga (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

KABENGUELE, Munanga. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Obra em domínio público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00106a.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. “Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação”. **Veredas Online Temática**. Juiz de Fora, v.22, n.1, p. 16-33, 2018.

MARTINS, Leda Maria. “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória”. **Letras (Santa Maria)**, Santa Maria, v, 26, p. 63-81, 2002.

_____. “Performance e drama: pequenos gestos de reflexão”. **Aletria**, Minas Gerais, v.21, n. 1, p. 101-109, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. São Paulo, v.19, n.1, p.287-308, nov. 2006.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. “Leitura, voz e performance no ensino de literatura”. **Signótica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul./dez. 2010.

PETIT, Sandra Haydeé. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais Negras**: Prosa negro-brasileira contemporânea. 2018. 180f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

SHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 160f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. **Famílias interraciais**: tensões entre cor e amor. Salvador: EDUBA, 2018.

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados**: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras. 2018. 210f. Tese (Doutorado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.